



UNIVERSIDADE ESTADUAL  
VALE DO ACARAÚ  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação  
Coordenação de Iniciação Científica



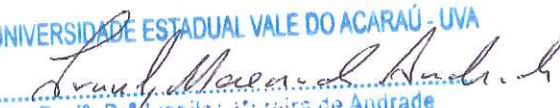
GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Ciência, Tecnologia  
e Educação Superior

## DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins, que a aluna **Andrea Venini Falconi** atuou no Projeto intitulado: “**Apropriação dos Espaços: Lazer, Trabalho e Violência na Cidade de Sobral.**”, como bolsista no Programa de Iniciação Científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico/FUNCAP, no período de março de 2006 a fevereiro de 2008, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> **Diocleide Lima Ferreira**.

Sobral, 05 de Março de 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Ivanilza Ferreira de Andrade  
Coordenadora de Iniciação Científica  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação



UNIVERSIDADE ESTADUAL  
VALE DO ACARAÚ  
Centro de Ciências Humanas  
Curso de Ciências Sociais

**LAZER NO PARQUE DA CIDADE: ESPAÇO URBANO,  
SOCIABILIDADE E CONSUMO EM SOBRAL /CE.**

**ANDREA VENINI FALCONI**  
**andreitaperuanita@hotmail.com**

**SOBRAL – CE**  
**2008**

ANDREA VENINI FALCONI

**LAZER NO PARQUE DA CIDADE: ESPAÇO URBANO,  
SOCIABILIDADE E CONSUMO EM SOBRAL /CE.**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas da Universidade Estadual Vale do Acaraú, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Diocleide Lima Ferreira

SOBRAL – CE  
2008

# LAZER NO PARQUE DA CIDADE: ESPAÇO URBANO, SOCIABILIDADE E CONSUMO EM SOBRAL /CE

Andrea Venini Falconi

Monografia defendida e aprovada em 10 de março de 2008.

## **Banca examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Diocleide Lima Ferreira – Orientadora  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – Sobral – CE

---

Prof. Ms. Antonio George Lopes Paulino  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – Sobral - CE

---

Prof. Esp. Delano Pessoa Carneiro Barbosa  
Universidade Estadual Vale do Acaraú – Sobral - CE

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ- UEVA  
2008

À minha querida mãe Patricia Maria Falconi de Venini (*in memoriam*), minha melhor amiga e companheira de viagens. Ainda nos encontraremos na cidade dos sonhos...

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, Tupã, Krhisna, Shiva, Maíra, Javé, Alá, Jah, Buda, Inti e todas suas manifestações e nomes.

À minha querida família “Los Venini”, que esteve sempre ao meu lado: Papi, Mami e Vane. Não poderia esquecer meus queridos cachorrinhos Cooper e Jambo que sempre me fizeram sorrir.

Ao meu amor de sempre: Robson Augusto Mata de Carvalho e sua família que me acolheu.

À minha família no Peru e nos Estados Unidos, especialmente, minhas vovós, meu tio Carlos (Alianza USA), tia Martha, tia Sandra, tia Nancy e minha amada prima Maria Fe. Esta família que apesar de distante é muito unida e morre de saudades uns dos outros...

À minha orientadora e amiga: professora Diocleide Lima Ferreira.

Aos professores do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú que me fizeram perceber um mundo diferente e contribuíram para minha formação no campo intelectual e político: George Paulino, Delano Carneiro, Nilson Almino, Alencar Mota, Isaurora Martins, Jania Perla, Werber Moreno e Paulina Parente.

Aos meus amigos de toda a vida: Suelem Zingara, Taís Ziegler, Marcelo Bezerra, Morgiana Monte, Lena Arcanjo, Marcelo Viana, Mario Frota, Constance Pinheiro, Sara Miranda, Família Gafforio, Alexandre Chastinet, Barbara Morsch, Família Planta, Duanne Rodrigues, Família Schneider, Karlos Marques, David Cabral, Wellington Menezes, Jânio Kléo, Alessa Sampaio, Aline Felipe, Aline Alencar, Candice Cardoso, Ricardo Paiva, Cinthya Araújo, Maninha Bezerra, Sandra Freire, Marcelo Sindeaux, Ernani e Henrique Cavalcante, Dedé e Ariane, Geovana Lins e família, Ricardo Linhares, Lilian Rodolfo, Ygor Fraga, Filipe Andrade, Breno Ximenes, Nínive Santiago, Silvia e Suzana Morais, Vandi Júnior, Paulinha Guerreiro, Samuel Barroso, Hilda Leopoldina, Irmã Oswalda, Dona Ângela, Aline Marques, Osvaldo Aguiar e a toda a turma da agroecologia. A todos eles sou muito grata pelas suas palavras de carinho, pelos abraços e por toda a ajuda que me deram nos momentos mais difíceis.

Aos revisores deste trabalho que o tornaram mais leve e compreensível, o meu agradecimento especial à Paulo Viana.

Aos companheiros que estiveram juntos lutando por justiça nesta Universidade: Josi Sampaio, Nice Coelho, Fernanda Vieira, Joannes Paulus, Adriano Martins, Mikael

Araújo, Diego Mesquita, Karine Hardy, Geraldo Filho, Artur Filho, Magna Aragão e João Teófilo.

Às pessoas que me ajudaram agilizando processos burocráticos dentro da Universidade, o meu agradecimento especial a Moises Neto e Neyara Araújo.

Gostaria de agradecer imensamente à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), por ter possibilitado que eu me mantivesse financeiramente através dos estudos, privilégio de poucos, que deveria ser para muitos.

Ao Laboratório de pesquisa das memórias e práticas cotidianas (LABOME), que impulsiona nosso curso e instiga os estudantes a empenharem-se no campo da pesquisa.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre as Cidades da Região Norte do Estado do Ceará (CCH-UVA), por estar sempre atento à necessidade de uma perspectiva analítica holística que visa à interdisciplinaridade.

Um agradecimento mais que especial aos meus interlocutores, já que sem a cooperação deles esta pesquisa não seria possível: a galera do Skate Park e as pessoas que cruzaram ou cruzei caminhos.

À UEVA idealizada por nós, que contribuiu para que eu possa sempre sonhar e acreditar.

E a todas as pessoas que um dia me fizeram rir ou chorar...

## **O MAPA**

*Olho o mapa da cidade  
Como quem examinasse  
A anatomia de um corpo...  
(É nem que fosse o meu corpo!)  
Sinto uma dor infinita  
Das ruas onde jamais passarei...  
Há tanta esquina esquisita,  
Tanta nuance de paredes,  
Há tanta moça bonita  
Nas ruas que não andei  
(E há uma rua encantada  
Que nem em sonhos sonhei...)  
Quando eu for, um dia desses,  
Poeira ou folha levada  
No vento da madrugada,  
Serei um pouco do nada  
Invisível, delicioso  
Que faz com que o teu ar  
Pareça mais um olhar,  
Suave mistério amoroso,  
Cidade de meu andar  
(Deste já tão longo andar!)  
E talvez de meu repouso...*

*Mário Quintana  
Apontamentos de História Sobrenatural*

RESUMO



A presente pesquisa se dá num espaço de lazer na cidade de Sobral-CE: o Parque da Cidade. O parque é um lugar onde diferentes sociabilidades são tecidas através da interação de indivíduos que o constroem socialmente. Este espaço de lazer transcende a vida familiar e insere-se na categoria *pedaço* (MAGNANI, 2000) que é elaborada a partir do agir coletivo cotidiano. O recorte de objeto aqui proposto visa analisar como os freqüentadores do Parque da Cidade estão significando o referido espaço de lazer e como percebem o processo de “revitalização” dos espaços públicos, implementado pelo Poder Público, com propostas de “enobrecimento” da cidade para fins comerciais (LEITE, 2004). Esse público se apropria do espaço, modificando-o e transformando seu próprio cotidiano. Novos espaços são criados e então se formam novas práticas, que se conformam em parte às intervenções do público e do privado. O Parque da Cidade abrange uma área de aproximadamente 70.000 metros quadrados e integra os bairros do Junco, da Colina, do Alto da Expectativa e do Campos dos Velhos. Esse complexo compõe-se de playgrounds, quiosques, pista de cooper, campos polivalentes, pista de bicicross, Skate Park, e ainda mesas de xadrez e de piquenique. A pesquisa vem sendo desenvolvida desde o início de 2006 e teve como recorte inicial o Skate Park, lugar privilegiado de minhas observações. O Parque da Cidade apresenta-se como um espaço multifacetado, onde diversas modalidades de lazer se interpõem e se cruzam em seus caminhos sinuosos. O objetivo geral deste trabalho é, portanto, analisar como os freqüentadores dos espaços de lazer do referido Parque estão significando o Parque da Cidade. Os outros objetivos decorrentes do primeiro são: 1) investigar como se dão as políticas de “requalificação” e modernização urbana no entorno do Parque da Cidade, considerando a importância do conceito de *gentrification*, para o entendimento da problemática em questão (LEITE, 2004); 2) problematizar e compreender como alguns moradores de Sobral se vêem no Parque da Cidade e em que momento o freqüentam; 3) analisar o discurso e as políticas públicas voltadas para o lazer na cidade de Sobral, especificamente no Parque da Cidade. Estas reflexões foram orientadas pelas observações de campo e entrevistas realizadas principalmente nos finais de semana, em que o público é maior, possibilitando uma melhor compreensão das redes de sociabilidade tecidas nos momentos de lazer no Parque da Cidade.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>02</b>
<b>CAPÍTULO I - A CIDADE E O LAZER</b>	
<b>1.1 Um breve histórico sobre o lazer.....</b>	<b>09</b>
<b>1.2 Políticas públicas para o lazer e a qualidade de vida na cidade.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO II - O PARQUE DA CIDADE: LINHAS DE SOCIABILIDADE, CONSUMO E LAZER</b>	
<b>2.1 Lendo a cidade nas entrelinhas.....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 Mapas, fronteiras e tipologias do Parque da Cidade.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2.1 Pedação infanto-juvenil.....</b>	<b>28</b>
<b>2.2.2 Bares e restaurantes.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2.3 Paqueras e namoros.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2.4 Geração saúde, esportes radicais ou apenas passeando.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2.5 Morar e consumir.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO III - O SKATE PARK E SUAS PRÁTICAS RADICAIS</b>	
<b>3.1 A construção do Skate Park.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 Uma breve descrição do espaço e das práticas.....</b>	<b>41</b>
<b>3.3 Pelo estilo skatista.....</b>	<b>44</b>
<b>3.4 A saúde dos praticantes.....</b>	<b>46</b>
<b>3.5 Uma linguagem própria.....</b>	<b>47</b>
<b>3.6 Por que ser radical?.....</b>	<b>48</b>
<b>3.7 Outros espaços para as práticas radicais.....</b>	<b>53</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>55</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBILOGRÁFICAS.....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>65</b>

## INTRODUÇÃO

A trajetória de um estudante de Ciências Sociais pode percorrer vários caminhos que possibilitam subsídios para a inserção em um campo específico e acontece num breve período de tempo. Nessa caminhada, precisamos encontrar e assumir um campo de pesquisa que se desenvolve à nossa frente. A definição de um objeto de pesquisa é algo muito pessoal e diz respeito a toda uma vivência acadêmica, que sofre influências de professores e de disciplinas com as quais há uma identificação do estudante. Sempre me atraíram temas pouco explorados nos campos acadêmicos que tratam dos indivíduos em momentos diferenciados de suas vidas. Experiências do tipo que os fazem extravasar e “escapar”, por alguns momentos, das convenções sociais, do mundo do trabalho e da política. No período anterior à minha escolha para fazer Ciências Sociais em Sobral, já havia cursado por um ano e meio a faculdade de Turismo. Ali me defrontei com uma série de questões que fazem parte desta pesquisa; experiência que também possibilitou que eu fosse estagiária da Secretaria de Cultura e Turismo do Município de Sobral, permitindo-me uma passagem pelos órgãos públicos da cidade, que me ajudaram a identificar alguns aspectos importantes para o pensamento crítico e uma compreensão da cidade como vitrine de inúmeras ações sociais. Os espaços de lazer da cidade de Sobral foram importantes para minhas reflexões sobre as pessoas que dispõem de tempo para a busca do lazer ou do esporte como estilo de vida.

Os espaços de lazer da cidade de Sobral foram o foco do projeto de pesquisa financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), o qual tem como título: “Apropriação dos espaços: lazer, trabalho e violência na cidade de Sobral”, coordenado pela professora Diocleide Lima Ferreira. Tal projeto dispõe de uma bolsa de Iniciação Científica da qual sou beneficiada<sup>1</sup>. A aprovação do projeto e a renovação do mesmo possibilitaram-me pesquisar o Parque da Cidade. A princípio, o espaço das observações era o Skate Park, espaço que causava em mim muitos questionamentos que foram tratados ao longo deste trabalho e por isso o escolhi. Abordagens sobre juventude e os esportes radicais estão presentes neste trabalho, ainda que figurando como pano de fundo. Por esta razão decidi desenvolver um capítulo sobre o Skate Park. Observei que este espaço permitiria uma abordagem diferente para o trabalho, ultrapassando as linhas imaginárias do Parque da Cidade e seus percursos enobrecidos. Na segunda etapa do projeto de pesquisa (início de 2007) fui ao Parque da

---

<sup>1</sup> Fui bolsista de iniciação científica da FUNCAP de março de 2006 até fevereiro de 2008. Esta pesquisa é relativa às primeiras incursões em campo até a elaboração final deste trabalho de Monografia.

Cidade e quando me vi em campo, a bem da verdade dentro de um vasto campo, pelas dimensões do parque e as diferentes atividades ali praticadas, percebi como poderia desenvolver este trabalho.

A experiência como pesquisadora foi muito rica e os resultados obtidos, durante as investigações iniciais, foram importantes para a formulação dos procedimentos metodológicos, técnicos e a definição dos referenciais analíticos que orientaram posteriormente o trabalho monográfico. Nesse sentido, possibilitou-me uma maior inserção em campo e o desenvolvimento da pesquisa. Busquei compreender, neste trabalho, um espaço de lazer, no qual diferentes sociabilidades são tecidas através da interação de indivíduos que o constroem sócio-culturalmente.

O Parque da Cidade transcende a vida familiar e insere-se na categoria *pedaço* (MAGNANI,1996) que é elaborado a partir do agir coletivo cotidiano e é onde se estabelecem os grupos e se pratica o lazer. O Parque abrange uma área de aproximadamente 70.000 metros quadrados e integra os bairros Junco, Parque Silvana I e II, Campos dos Velhos, Expectativa e Alto da Brasília sendo entrecortado pelo riacho Pajeú, que se estende até a Lagoa da Fazenda. Esse riacho se encontra permanentemente poluído. No Parque da Cidade encontramos playgrounds, quiosques, pista de cooper, campos polivalentes, pista de bicicross, skatepark com padrão competitivo, homologado pelas normas da Confederação Brasileira de Skate (CBSK), e, ainda, mesas de xadrez e de piquenique. O parque é utilizado por um público variado e inserido em diversas faixas etárias e classes sociais.

A pesquisa vem sendo desenvolvida desde o início de 2006 e teve como recorte inicial o Skate Park, espaço utilizado pelos jovens da cidade para a prática de alguns esportes radicais, como: skate, patins in-line e BMX (Bicycle MotoX). A construção da pista em 2004 possibilitou para alguns jovens a prática de atividades desportivas em um lugar de interação. Se por um lado este espaço foi construído com o intuito de dar visibilidade a um esporte que se destaca mundialmente, como o skate – o qual se configura como o segundo esporte mais praticado no Brasil, depois do futebol (DATAFOLHA, 2002) –, por outro lado, também é palco de uma rede de sociabilidades e de práticas coletivas urbanas, onde são formuladas representações, a exemplo das categorias específicas, empregadas pelos sujeitos da pesquisa para denominarem suas manobras, extrapolando os sentidos atribuídos pelo poder público municipal, idealizado com a construção da pista. Esse ambiente configura-se como um lugar de realizações pessoais e de interação com outros atores sociais.

Os praticantes dos esportes no Skate Park, em sua maioria, são jovens com idades entre 11 e 32 anos e estão sujeitos a riscos constantes. Um dos fatores que proporcionam o alto nível de acidentes é o fato que muitos praticantes não utilizam equipamentos de proteção; muitas vezes, ocorrem acidentes graves deixando seqüelas para esses desportistas, como lesões e fraturas em diversas partes do corpo. Utilizo a categoria de análise *cultura radical* para definir estas práticas que extrapolam os limites físicos e da excitação (ELIAS; DUNNING, 1992), como sendo uma forma de lazer juvenil. Os praticantes das citadas modalidades de esporte são, em sua maioria, jovens de classe baixa, que vivem em bairros da periferia de Sobral, como o Alto do Cristo, a Expectativa e a COHAB. Tais bairros apresentam muitos problemas de infra-estrutura básica. Muitos casebres ali se alocam e quase inexistem praças que ofereçam condições favoráveis às práticas de lazer das pessoas da comunidade, deslocando-as para o centro da cidade na busca de atrativos de baixo custo. O Parque da Cidade apresenta-se, portanto, como um espaço multifacetado, onde diversas modalidades de lazer se interpõem e se cruzam nos seus caminhos sinuosos.

A partir deste breve relato sobre a definição do objeto de pesquisa, elaborei o objetivo geral deste trabalho: analisar como os freqüentadores dos espaços de lazer estão significando o Parque da Cidade. Os outros objetivos decorrem do primeiro: 1) investigar como se dão as políticas de “requalificação” e modernização urbana no entorno do Parque da Cidade, considerando a importância do conceito de *gentrification*, para o entendimento da problemática em questão (LEITE, 2004); 2) problematizar e compreender como alguns moradores de Sobral se vêem no Parque da Cidade e em que momento o freqüentam; 3) analisar o discurso e as políticas públicas voltadas para o lazer na cidade de Sobral, especificamente no Parque da Cidade.

Nas gestões do ex-prefeito Cid Gomes<sup>2</sup> (1996-2000 / 2000-2004), atual governador do Estado do Ceará, a cidade de Sobral sofreu uma série de mudanças na sua estrutura urbana e, conseqüentemente, na vida dos moradores. Analisar estas mudanças

---

<sup>2</sup> Cid Ferreira Gomes nasceu em Sobral, no dia 27 de abril de 1963. Filho de Maria José Santos Ferreira Gomes e José Euclides Ferreira Gomes Junior, que foi prefeito de Sobral entre os anos de 1977 e 1982. Cid é formado pela Universidade Federal do Ceará em Engenharia Civil, e foi no movimento estudantil que iniciou sua carreira política. Depois foi por duas vezes Deputado Estadual e Presidente da Assembléia Legislativa; é filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Sua visibilidade no campo da política se deu, entre outras razões, pelo fato de ser irmão do político Ciro Gomes (Ex-Governador do Ceará) e por ter sido prefeito de Sobral, por duas vezes consecutivas, proporcionando a cidade de Sobral transformações na parte estrutural e social do município na sua primeira gestão em 1996/2000 e reeleição em 2000/2004.

e de que forma elas aconteceram, abre um leque de possibilidades analíticas que esta pesquisa busca suscitar.

Políticas públicas que intervêm na vida cotidiana são relevantes para pensar como os indivíduos que freqüentam esses espaços transformados se vêem e como os gestores vêem esses espaços modificados por eles. O modo como parte da população observava o projeto de governo de Cid Gomes, é evidenciado na citação a seguir, um pouco do conteúdo e do sentido ideológico que os orientaram:

*Com sua administração dinâmica e eficiente, Sobral, tornou-se referência nacional de gestão pública e mostra que, com um programa de governo exemplar, aliado a uma série de projetos em todas as áreas, é possível mudar o perfil de uma cidade inteira.*(CAVALCANTE, 2004; p. 134)

Depoimentos como estes são importantes para as análises feitas pelas Ciências Sociais. A obtenção destes dados e sua interpretação à luz de teorias possibilitam momentos de compreensão do nosso contexto social.

Tendo como base esta apresentação do objeto proposto. A estrutura deste trabalho articula três capítulos que sistematizam a linha de reflexão e argumentação que desenvolvi ao longo da pesquisa.

No primeiro capítulo desenvolvo uma discussão sobre como o lazer é concebido na sociedade ocidental, desde o ideal grego do ócio até o lazer como mercadoria na sua conceituação mais atual. Também desenvolvo uma breve discussão sobre a formação das cidades modernas, especificamente a cidade de Sobral e as políticas públicas vigentes para o lazer e a urbanização desta urbe.

No segundo capítulo disserto sobre a minha inserção em campo. Nesta parte também reflito a respeito do Parque da Cidade, na sua multiplicidade, descrevendo os sujeitos da pesquisa e suas práticas, identificando alguns aspectos, com o intuito de construir tipificações para os freqüentadores do parque e de seu entorno.

No terceiro capítulo apresento o Skate Park, lugar de minhas primeiras investigações, o qual, neste trabalho, terá um espaço privilegiado, por apresentar características próprias de sociabilidade tecidas no Parque. Aqui também desenvolvo uma breve conceituação dos esportes radicais e de como a linguagem e o estilo, vivenciados pelos jovens que ali passam parte de suas vidas, são elaborados e significados.

## Discussão Metodológica

Visando analisar o grupo estudado (os frequentadores do Parque da Cidade e seus idealizadores), estabeleci como primeiro passo a observação. As metodologias utilizadas nas análises sobre as cidades requerem uma espécie de habilidade comum à nossa formação enquanto cientistas sociais. “familiarizar-se com o estranho e estranhar o familiar” é um preceito básico para a compreensão do campo de pesquisa, principalmente quando vivemos na cidade em que fazemos pesquisa, frequentando os mesmos lugares que nossos interlocutores. Enfim, somos parte do nosso próprio objeto de análise. As teorias sociais, por sua vez, servirão de base para fundamentar os objetivos aqui propostos, possibilitando refletir sobre o papel e a postura do pesquisador, bem como empregar as contribuições teóricas e metodológicas de autores que ajudem a compreender certos fenômenos do campo em análise, favorecendo uma reeducação do olhar, ouvir e escrever de forma epistêmica e sistemática (OLIVEIRA, 1998).

As observações realizadas no Parque da Cidade foram descritas, primeiramente, em um diário de campo e depois transformadas num relatório. E já que “todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço” (CERTEAU, 1996; p: 200), a reeducação do olhar possibilita uma intercomunicação, como sugere a citação abaixo:

*Assim a descoberta do olhar que se encontra em horizontes comunicativos muito mais dilatados, naturais ou artificiais. A cidade se apresenta como uma mistura de estilos, um imbricado de signos, um congestionamento de tráfegos. (CANEVACCI, 1997; p: 09)*

Andando entre os moradores da cidade estabeleci uma relação comunicativa com a forma de ver esta cidade pelo público que percorre os diversos espaços. Um olhar distinto dos que transitam, mas um olhar que indaga, que questiona e participa na condição de pesquisadora. Ao longo dos dois anos de realização da pesquisa, pude desenvolver um cronograma de atividades. O primeiro plano se deu através da revisão bibliográfica disponível. O segundo passo se deu através da inserção em campo de maneira mais “discreta”. Depois que me familiarizei com os espaços, pude conversar com as pessoas de maneira mais pontual. Apresentava-me enquanto estudante de Ciências Sociais e pesquisadora. Nesses momentos ia adentrando nos assuntos da pesquisa. Entre 2006 e começo de 2008 realizei algo em torno de vinte e cinco entrevistas

informais no próprio Parque da Cidade. Achei difícil e desconfortável o uso de gravador de voz, pois o Parque da Cidade é um espaço com muitos ruídos que causavam interferências nas gravações. Por isso, ao longo da pesquisa, fui desenvolvendo uma técnica de relatório de campo através de caderneta e apontamentos durante as entrevistas. Além das entrevistas, conversei com muitas pessoas enquanto andava no parque, não me identificando em alguns momentos como pesquisadora. No final de 2006 desenvolvi uma pesquisa quantitativa entre os usuários do Skate Park, tendo, como amostragem aleatória, cinquenta entrevistados que respondiam perguntas sobre a sua prática e sobre o espaço utilizado. Outro ponto que contribuiu para obtenção de dados está no material pesquisado sobre a cidade de Sobral. Fontes importantes como o Boletim Municipal, o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, entrevista concedida pelo Secretário de Desenvolvimento Urbano e várias fotos me auxiliaram para o desenvolvimento e formatação desta Monografia.

Esta metodologia me fez perceber o valor da etnografia como um procedimento de apreensão do “real”.

*Por último cabe assinalar que o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhe dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. (...) Assim, o que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar de perto e de dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva destes enfoques que para efeito de contraste, qualifiquei como de fora e de longe. (grifo meu) (MAGNANI, 2002; p: 09)*

Outro passo metodológico foi identificar as *tramas* e perceber os  *fatos* (VEYNE, 1998), passando a utilizar outro sentido importante do pesquisador: a audição. Esta é de suma importância na prática das entrevistas e na identificação dos discursos produzidos pelo poder público, pelos moradores do entorno do parque e pelos frequentadores, percebendo os diversos sentidos que os orientam e as novas práticas que esse discurso constrói sobre o espaço.

*Para estar no bairro é necessário fazer escolhas (de espaços), elaborar itinerários (de percursos), traçar táticas (de permanências), qualificar e ocupar espaços (que se tornam lugares). (...) As*



*assimetrias de usos e possibilidades de construção dos lugares possibilitaram o surgimento de mecanismos de interação mediados pela diferença. (LEITE, 2004; p: 292)*

Percebendo as diferenças que ocorrem em uma cidade ou em um local específico, torna-se possível tecer um mapa cultural de práticas, de espaços e confluências. Nestes espaços é imprescindível que o pesquisador propicie entre seus interlocutores a intersubjetividade, que se estabelece através de novas expressões e relações que são construídas em campo. Isso permite que os sentidos se adéquem àquela paisagem e às pessoas, mas que ao mesmo tempo as estranhe e as indague.

# CAPÍTULO I

## A CIDADE E O LAZER

*Convictos de que cada inovação na cidade influi no desenho do céu, antes de qualquer decisão calculam os riscos e as vantagens para eles e para o resto da cidade e dos mundos.*

Italo Calvino – As cidades invisíveis (2004; p: 137)

### 1. 1 Um breve histórico sobre o lazer.

O lazer, como o compreendo hoje, abrange uma série de significados que se caracterizam por uma “relativa liberdade” nos momentos em que é praticado e na escolha das atividades a serem exercidas. Mais do que uma contraposição ao trabalho, o lazer apresenta-se como um momento em que os indivíduos extravasam suas energias a fim de poder relaxar ou esgotar-se completamente. Concebo o lazer como um conceito *polissêmico*, pois ele abrange vários significados. A seguir, relato sua significação desde sua origem até os dias atuais. Para tanto, realizo uma breve retrospectiva com o intuito de situar este conceito na história da humanidade. Vale um esclarecimento anterior: o termo ócio está ligado à formação do conceito de lazer. Estes não possuem a mesma significação, no entanto seus significados se complementam.

O ócio aparece na Grécia antiga sobre o termo *skholé*. Este se referia àqueles homens que gozavam de liberdade em um não-trabalho social; assim, o ócio seria a condição para o pensamento reflexivo. A palavra *skholé* também dá origem a “escola”, ou seja, escola é um tempo de não trabalho e de livre pensar. Este era um privilégio de poucos homens que desfrutavam desta condição, alegando que estavam fazendo o melhor para a *pólis*. Em Roma o *otium* (ócio) era o contrário de *negotium* (negócios) e passa a ser compreendido como um tempo de descanso, relaxamento e diversão. Neste momento também surge o *panis et circens* (pão e circo) que seria uma espécie de recreação das massas, não politizadas, e que absorvia as classes populares para a diversão.

No oriente a palavra ócio tem significado de contemplação e no ocidente de repouso. Sendo assim “o lazer se converteu em tempo, afastando-se da vida de contemplação do belo, do refinamento das idéias, do cultivo da mente” (MASCARENHAS, 2006; p: 79).

Segundo o dicionário Aurélio, a raiz etimológica da palavra “lazer” vem do latim *licer*, ser lícito; compreende aquilo que é justo e permitido. A prática de lazer, como compreendemos atualmente, se aproxima um pouco de como era tratada na Idade Média, pois o ócio se tornava um ideal nobre. O não-trabalho, as grandes festas, os torneios medievais são fenômenos até hoje presentes em nossa mente. A exterioridade das experiências era uma contraposição ao ideal grego que em *skholé* se caracterizava por uma experiência mais introspectiva. Essa exterioridade era justificada por algum tipo de ritual ou celebração pública. Já o lazer na Sociedade Moderna se caracteriza pela repreensão do ócio através das reformas protestantes que defendiam a idéia segundo a qual a salvação só se daria através de muito trabalho. Nesse momento o ócio passa a ser visto como algo degradante. Max Weber, em seu livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (1991), explicita que a condição de desenvolvimento econômico de um país está associada à condução de sua ética religiosa, que tem implicação na forma como o homem concebe o trabalho, pois enquanto os protestantes aceitavam o trabalho nas indústrias, os católicos a ele resistiam. Formando-se uma mentalidade de libertação pelo trabalho árduo, o autor conclui que a principal condição para os países ocidentais desenvolvidos foi o fato de terem em seu poder líderes protestantes. Isso talvez explique o fato de países de formação católica sejam conhecidos como países alegres e quentes.

O lazer está presente nos quatro dias do Carnaval brasileiro em que “tudo é permitido”. O antropólogo Roberto DaMatta (1990) acredita poder compreender a sociedade brasileira a partir dessa festividade; também assinala outros atores sociais que são clássicos em um país que privilegia a quebra das regras através do “jeitinho brasileiro” e cria seus próprios valores. Esta imagem é corporificada pelo *malandro*, que vive na rua e se contrapõem ao fato de estar em casa. Esta reflexão nos indica, entre outras coisas, a razão pela qual o Brasil é constituído por uma cultura que se distancia de um estilo de vida europeu, que privilegia a introspecção nas relações sociais.

O conceito moderno de lazer está intimamente ligado à sociedade capitalista. A luta pelo tempo livre dos trabalhadores foi uma demanda dos movimentos sociais nos últimos tempos. No início do século XX os trabalhadores lutavam por redução das horas de trabalho e melhores condições de sobrevivência. A manifestação política dos

trabalhadores em Paris de 1906 reivindicava 8 horas de trabalho, 8 horas de descanso e 8 horas de lazer (SUASSUNA, 2007)<sup>3</sup>. Junto com a industrialização veio à modernidade. Foi neste período que se fizeram necessárias políticas que garantissem certa “estabilidade” entre aqueles que detinham o controle dos meios de produção e aqueles que detinham a força de trabalho. Por isso os direitos sociais dizem respeito à participação na riqueza coletiva e vislumbram diminuir as desigualdades sociais produzidas pelo capitalismo. Entre esses direitos estão: o direito à educação, à saúde, à aposentadoria, ao lazer, aos benefícios trabalhistas como férias, décimo terceiro, seguro desemprego e licenças. O não trabalhador é uma negação da sua própria existência, já que não pode se manter dentro da sua própria sociedade. Paul Lafargue, em seu livro “O direito à preguiça” (1883), instiga os trabalhadores a lutarem por horas livres e não pelo próprio trabalho como havia feito seu sogro Karl Marx em 1848 no “Manifesto do Partido Comunista”. Lafargue discorre acerca das implicações do trabalho e do seu poder alienante nas mentes dos homens. O autor alegava que o trabalho retirava todas as forças dos trabalhadores impedindo-os de passar mais tempo com a família ou ter um momento de lazer. Na citação inicial do livro, Lafargue cita Lessing e exclama “sejamos preguiçosos em tudo, exceto em amar em beber, exceto em sermos preguiçosos” (LAFARGUE 1883; p: 01).

Outro autor que compartilha com a análise de Lafargue é Domenico de Masi em seu livro “O ócio criativo”. Ele acredita que a criatividade nasce somente nos momentos em que a mente está livre para pensar e alega que um dos preceitos básicos da nossa sociedade está no fato de termos nos tornado mais criativos ao longo do tempo e isso possibilitou o avanço da ciência e da tecnologia. Quando fala do ócio, De Masi exemplifica:

*Quando vivo o ócio, a filosofia é idêntica, ainda que se manifeste em categorias diferentes. Posso viver o ócio prevaricando, roubando, violentando, entediado ou explorando. Ou posso vivê-lo com vantagens para mim e para os outros, fazendo com que eu e os outros sejamos felizes, sem prejudicar ninguém. Neste caso, e só neste caso, atinjo a plenitude do conhecimento e da qualidade de vida. (DE MASI, 2000; p: 219)*

---

<sup>3</sup> Este trecho se refere ao documentário “Nós que aqui estamos por vós esperamos”. Direção de Marcelo Masagão, Brasil, 1999.

Em todas as dimensões no lazer se elaboram novos valores nas relações do homem com a natureza, do homem com os outros, do homem consigo mesmo, com seu corpo, seu coração e seu espírito.

A perspectiva sociológica clássica de lazer vem da conceituação de Joffre Dumazedier (1976) que qualifica o lazer como um conjunto de ações escolhidas pelos indivíduos. Estas ações podem ser para a diversão, para a recreação ou para o entretenimento, que propiciem um processo pessoal de desenvolvimento. Tais atividades têm caráter voluntário e se contrapõem ao trabalho urbano-industrial. Aqui, Dumazedier atribui ao conceito de lazer um caráter funcionalista, pois ele acredita que o lazer exerce uma função sobre a sociedade e sobre os indivíduos que dela fazem parte.

O lazer, nos termos definidos acima, também está funcionalmente ligado à sociedade de modelo econômico capitalista. Nesta, as práticas de lazer manifestam-se como sinônimos de felicidade, desde que, para isso, haja investimento financeiro, onde fica garantido o direito de se sentir bem e descansar sossegado. Assim, o direito ao lazer transforma-se em mercadoria, bem como tudo o que é possível mercantilizar, principalmente o lazer das massas que torna homogênea a escolha e a satisfação dessas práticas pelo lazer.

Nesse sentido, também podemos fazer uma referência aos esportes como prática de lazer. O esporte pode ser uma atividade praticada, assim como pode configurar-se como uma atividade em que o indivíduo é espectador de alguma prática esportiva, sem, necessariamente, estar gastando energias como o esportista que está assistindo. Os esportes fazem parte do cotidiano de nossas vidas. Poderia discorrer algumas páginas a mais acerca do fenômeno do futebol e outros esportes que carregam consigo uma multidão de adeptos e simpatizantes, no entanto, também poderia falar das enormes quantias que são movimentadas com bilheterias, patrocinadores e passes milionários.

O lazer e o esporte aparecem inseridos na lógica do capital. No Brasil, parte da população gasta em bens e serviços culturais 4,4% do orçamento familiar, ou seja, valor que corresponde ao total das despesas culturais mensais de uma família: R\$ 64,53 em média. As atividades no ramo cultural ocupam 4% da mão-de-obra ativa do Brasil e representam 5,2% das empresas formais (Fonte: IBGE, 2006). Estes dados deixam claro que as atividades de lazer ocupam parte significativa da economia do país e movimentam recursos e pessoas. O lazer mais do que uma atividade despreocupada é uma atividade econômica, ou seja, o lazer é também uma mercadoria.

As práticas de lazer como mercadoria também estão muito ligadas à questão do turismo, onde pessoas se deslocam de sua cidade a outra com o fim de relaxamento ou de satisfação pessoal. Estes lugares que recebem os turistas acabam se modificando e se adaptando a essa nova demanda. A cidade então muda de feição, grandes hotéis e restaurantes se instalam, ocorre a adaptação de atrativos naturais, do patrimônio histórico-cultural e inúmeras atividades de trabalho passam pela transformação que o turismo causa numa cidade. O termo “turismo cultural” designa uma modalidade de turismo cuja motivação do deslocamento se dá, segundo Andrade (1976), com o objetivo de encontros artísticos, científicos, de formação e de informação. Mas, principalmente, na promoção da cidade pelo seu valor histórico.

Algumas denominações de lazer relacionam-se com o conceito de cultura. Por isso, muitas das atividades designadas como lazeres passam por manifestações da cultura. A partir de uma reflexão do conceito de cultura, apresento um breve comentário acerca de duas perspectivas diferentes: cultura, em uma de suas dimensões antropológicas e cultura de massa ou indústria cultural. Dialogo com o conceito de cultura formulado por Clifford Geertz (1989), que diz respeito ao modo de vida de um povo, legado social, normas e moral, comportamento aprendido, enfim uma série de manifestações que são incorporados pelos indivíduos e que são transmitidos de uma geração para outra. Essas manifestações culturais verificam-se no modo como o lazer se articula com a vida cotidiana através dos vários tipos de jogos, brincadeiras e expressões artísticas criadas por uma sociedade. O conceito de cultura de massa ou indústria cultural, por sua vez, designa um conjunto de comportamentos, mitos, representações, produzidos e difundidos por um tipo de racionalidade técnica e industrial que acompanha a expansão das mídias e das políticas públicas de governos, as quais compreendem a cultura apenas como manifestações artísticas. Em consonância com esta perspectiva, o comentário a seguir da filósofa Marilena Chauí (1994) esclarece de maneira crítica os sentidos que orientam a indústria cultural:

*A democratização da cultura tem como precondição a idéia de que os bens culturais (...) são direito de todos e não privilégio de alguns. Democracia cultural significa direito de acesso e de fruição das obras culturais, direito à informação e à formação cultural, direito à produção cultural. Ora, a indústria cultural acarreta o resultado oposto, ao massificar a cultura. Por quê?*

*Em primeiro lugar, porque separa os bens culturais pelo seu suposto valor de mercado: há obras “caras” e “raras”, destinadas aos privilegiados que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e há obras “baratas” e “comuns”, destinadas à massa. Assim, em vez de garantir o mesmo direito de todos à totalidade da produção cultural, a indústria cultural introduz a divisão social entre elite “cultural” e massa “inculta”. O que é massa? É um agregado sem forma, sem rosto, sem identidade e sem pleno direito à cultura.*

*Em segundo lugar, porque cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais cada um escolhendo livremente o que deseja, como consumidor num supermercado. No entanto, basta darmos atenção aos horários dos programas de rádio e televisão ou ao que é vendido nas bancas de jornais e revistas para vermos que, através dos preços, as empresas de divulgação cultural já selecionaram de antemão o que cada grupo social pode e deve ouvir, ver ou ler. (...)*

*Em terceiro lugar, porque inventa uma figura chamada “espectador médio”, “ouvinte médio” e “leitor médio”, aos quais são atribuídas certas capacidades mentais “médias” e certos gostos “médios”, oferecendo-lhes produtos culturais “médios”. Que significa isso?*

*Em quarto lugar, porque define a cultura como lazer e entretenimento, diversão e distração, de modo que tudo o que nas obras de arte e de pensamento significa trabalho da sensibilidade, da imaginação, da inteligência, da reflexão e da crítica não tem interesse, não “vende”. Massificar é, assim, banalizar a expressão artística e intelectual. Em lugar de difundir e divulgar a cultura, despertando interesse por ela, a indústria cultural realiza a vulgarização das artes e dos conhecimentos. (grifo meu) (CHAUI, 1994. p: 330)*

O desenvolvimento da sociedade contemporânea possibilitou que a indústria cultural se confunda com o lazer a ponto de serem usados como sinônimos, o que leva ao afastamento das suas manifestações não consumistas e instrumentais, como o lazer de rua, as relações lúdicas e interpessoais, a memória das atividades antigas e as festas populares. Entre as formas institucionais de cultura de massa, verificam-se os parques temáticos e os Shoppings Center<sup>4</sup>, que nos últimos dez anos têm se desenvolvido em grande escala no cenário brasileiro, sendo uma das expressões mais fortes do lazer de consumo e do uso da tecnologia no lazer. No imaginário e nas práticas de inúmeras

---

<sup>4</sup> AS CIDADES E A SOCIEDADE. In: \_\_\_\_\_ Revista Sociologia Especial. 2007, Ano 1 nº1.

para as pessoas o lazer aparece como uma atividade de consumo sustentada por um dado padrão econômico.



## 1.2 Políticas públicas para o lazer e qualidade de vida na cidade.

A constituição da vila Sobral deu-se no século XVIII, em cinco de julho de 1773. Esta vila já era diferenciada das outras no período colonial, pois o seu nascimento já se deu de forma “enobrecida”. Os prédios públicos e todo seu perímetro urbano eram prioritariamente das classes mais abastadas.

A partir do século XIX, a cidade situava-se entre os trilhos do trem e o rio que a cortava. Toda sua vida urbana ocorria neste perímetro chamado *intra-trilhos* (ROCHA, 2003). Fora dos trilhos significava estar à margem da cidade. Somente na metade do século XX é que o espaço urbano começa a se expandir através dos trilhos e levantar uma preocupação do poder público municipal.

Atualmente, o município de Sobral ocupa uma área de 2.129 quilômetros quadrados e tem uma população de 155.276 habitantes (IBGE, 2000). Em 1998, de acordo com a revista *Veja*, Sobral foi considerada uma das dez melhores cidades do interior do Ceará para se viver (FREITAS, 2000). Na pesquisa realizada pelo Ibope (1998) e encomendada pela mesma revista, aponta que, 41% dos brasileiros querem algum tipo de distância das metrópoles. Em um dos trechos desta matéria o antropólogo José Guilherme Magnani, comenta: “A maioria das pessoas busca no interior as vantagens da vida urbana que acabaram se tornando inacessíveis nas grandes cidades”. A busca pela tranquilidade é fruto dos altos níveis de insegurança e violência das grandes metrópoles. A pesquisa aponta ainda que Sobral se destaca por seu desenvolvimento urbano e por oferecer uma “boa receptividade” aos que chegam à cidade.

Outro fator que contribuiu para o engrandecimento de Sobral na década de 90 foi a instalação da indústria de calçados Grendene em 1993, uma filial do Rio Grande do Sul, que atraiu muitos trabalhadores de outras cidades do Ceará e até mesmo de estados vizinhos, em busca de emprego e melhores condições de vida. Nesse período outros empresários se interessaram em investir na criação de novos empreendimentos comerciais, tais como supermercados, concessionárias de carros e de motos e estabelecimentos de projeção e construção civil, etc. No final desta década, a fábrica Grendene já ultrapassava o número de 10 mil funcionários (ROCHA, 2003), influenciando no crescimento populacional, modificando a estrutura da cidade, principalmente nos bairros do entorno da fábrica, entre eles os próximos ao Parque da Cidade.

Sobral também é conhecida pejorativamente como “*United States of Sobral*”, pois “denota a prosperidade de uma classe dominante em relação às demais cidades cearenses que refletia no espaço urbano suas convenções européias”, justificada por sua arquitetura e pelo “ar cosmopolita” da cidade (ROCHA, 2003; p: 19). Entre as especificidades que a faz se destacar frente a outras cidades do Estado do Ceará é a oferta de cursos de educação superior em diversas universidades que se alocam em Sobral. Entre elas temos: duas universidades públicas, duas universidades particulares e um centro tecnológico<sup>5</sup>. Esta estrutura possibilita um grande fluxo de estudantes provenientes de outras localidades.

Outros fatores que contribuem para esta imagem da Sobral “estadudinense” e cosmopolita é a existência de monumentos ou locais que lembram outras cidades reconhecidas por grandes fluxos turísticos, por exemplo: o Boulevard do Arco, que se assemelha ao Arco do Triunfo em Paris; o Alto do Cristo, que representa o Cristo Redentor do Rio de Janeiro em proporções menores; a Coluna da Hora que tem um relógio semelhante ao da Praça do Ferreira em Fortaleza; o Parque da Cidade que também é chamado de Central Park, onde o original se encontra em Nova Iorque. Esta visão é tão conhecida que foi registrada em uma matéria da jornalista Daniela Pinheiro da revista Piauí<sup>6</sup>:

*Na (Sobral) “besta”, há uma réplica do Arco do Triunfo, um jôquei clube, ônibus escolares amarelos, onde se lê “School bus”, doados pelo governo americano, escola de línguas pública, um museu de arte moderna, um de arte sacra, um casario tombado pelo Patrimônio Histórico e locais onde é possível acessar a internet sem-fio. Um dos restaurantes mais chiques, o Pinos, fica no prédio de um supermercado no estacionamento de um posto de gasolina.*

Outro aspecto que merece uma análise mais aprofundada diz respeito ao tombamento<sup>7</sup> do centro histórico de Sobral. Este enalteceu a estrutura urbana e

---

<sup>5</sup> As Universidades de Sobral são: Universidade Estadual Vale do Acaraú, Universidade Federal do Ceará, Faculdades Luciano Feijão, INTA e Centro Tecnológico FATEC.

<sup>6</sup> A revista Piauí é de circulação nacional pela Editora Abril e é conhecida por abordar temas polêmicos e interessantes.

PINHEIRO, Daniela. **Oligarquia irritada**. Revista Piauí, março de 2007. Disponível em [http://www.revistapiaui.com.br/artigo.aspx?id=172&anterior=32007&unica=1&anteriores=1]. Acesso em: 31 de janeiro de 2008.

<sup>7</sup> A área tombada apresenta uma grande heterogeneidade de estilos arquitetônicos, entre eles, temos prédios de arquitetura neoclássica, *art-nouveau*, *art-déco*, eclética, moderna e contemporânea.

“cristalizou” a arquitetura da cidade em um período histórico. Clodoveu Arruda<sup>8</sup>, Secretário de Cultura e Turismo do Município, durante a gestão do prefeito Cid Gomes, justifica a necessidade de tombamento alegando a importância deste para o conhecimento dos processos históricos e culturais que fazem parte da formação da sociedade brasileira:

*Mais do que ser tomada como monumento arquitetônico e urbanístico de valor excepcional, a área urbana selecionada como objeto patrimonial contém em seu espaço urbano uma alta concentração de informações históricas, relevantes para diversas áreas do conhecimento humano. Ela é um registro vivo de processos históricos e sociais que construíram e constroem o Brasil em seus espaços mais essenciais.*

Faz-se necessário problematizar a fala do secretário, pois ela justifica o tombamento do ponto de vista da administração pública da cidade. A visão de grande parte da população de Sobral é muito diferente: nem todos os moradores compreenderam os principais critérios para a realização do tombamento de suas casas. Ademais, verifica-se uma contrariedade por parte destes diante da restrição colocada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), quanto à alteração das fachadas dos imóveis circunscritos no sítio histórico.

A noção de lugar trabalhada por Marc Auge nos ajuda refletir sobre o significado histórico e cultural que determinadas construções arquitetônicas assumem em nossa sociedade:

*O lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação ele se define por uma estabilidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento. (AUGÉ, 2003; p: 53)*

Na citação acima está claro que o lugar histórico, esta memória exaltada, só é válido numa população que compreende o seu significado. Porém, no caso de Sobral verifica-se que a área tombada foi prioritariamente a dos prédios da classe mais abastada, composta por pessoas que exercem influência na cidade, seja ideológica, política e/ou econômica. O tombamento se justifica pelo discurso do poder público que visa enaltecer a cidade através de sua beleza. Em seus estudos Sharon Zukin identifica que, “há três

---

<sup>8</sup> BOLETIM MUNICIPAL DE SOBRAL – **Tombamento de Sobral**. Disponível em: [http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2000/b\\_julho2000/24.htm](http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2000/b_julho2000/24.htm). Acesso em: 30 de janeiro de 2008.

temas principais que regem a fabricação da paisagem: a memória histórica, a diversão como controle social e a cultura da natureza” (2000; p: 109). Tais “temas” são importantes para perceber que a cidade de Sobral está inserida nessa tendência.

A incorporação destes temas pelo poder público local orienta uma série de transformações na cidade que acontecem pela valorização econômica da mesma, sendo necessário *revitalizar*. Isto significa a adequação da paisagem, dos cidadãos e dos trajetos às funções pressupostas pelo poder público. Estes “lugares” acabam sendo espaços que se tornam públicos através de disputas práticas e simbólicas pela recuperação do sentido “espontâneo” da vida na cidade (LEITE, 2004).

É necessário enfatizar que “a paisagem é claramente uma ordem espacial imposta ao ambiente – construído ou natural. Portanto, ela é sempre socialmente construída: em torno de instituições sociais dominantes (...) e ordenada pelo poder dessas instituições” (ZUKIN, 2000; p: 84). Esta paisagem é uma via de mão dupla que influencia e é influenciada pela sociedade, o que possibilita que os lugares acabem proporcionando uma identificação com as pessoas que moram na cidade; estes são em sua maioria espaços públicos.

O espaço público é aquele que, dentro do território urbano, seja de uso comum e coletivo, não pode favorecer a indivíduos isolados. Os *espaços públicos livres* podem ser definidos como *espaços de circulação* (como a rua, estrada ou praça), *de contemplação* (como a praia ou um jardim público), *espaços de lazer e recreação* (como uma praça ou parque), ou de *preservação ou conservação* (como uma reserva ecológica) (LE CORBUSIER, 2000). Nestes locais, o direito de ir e vir é total, ainda que restrito por algumas regras. Existem ainda os espaços que possuem uma certa restrição ao acesso e à circulação e que pertencem à esfera do poder público, como: os edifícios e equipamentos públicos, instituições de ensino, hospitais, centros de cultura etc. Também existem equipamentos que pertencem à iniciativa privada, mas que possuem caráter público (todos podem ter acesso), ainda que com restrições (ter dinheiro para poder frequentá-los), como é o caso dos shoppings centers, casas de shows, universidades particulares, etc.

Nesta pesquisa, ocupo-me dos espaços públicos de lazer, especificamente um parque urbano em Sobral chamado Parque da Cidade. A conceituação de parque ou “área verde” deve-se às suas características: uma área livre de edificações e caracterizada pela presença de muita vegetação. Normalmente, os parques são protegidos pelos poderes públicos municipais, estaduais e federal. São destinados a recreação dos habitantes da

cidade ou para a preservação do ambiente natural. Com frequência os parques urbanos estão ligados a um conjunto de equipamentos públicos de caráter cultural com objetivo de servirem para o lazer e a recreação dos habitantes da cidade, favorecendo, entre outras coisas, à apropriação lúdica do espaço público. Parques urbanos comportam playgrounds, campos de esportes, lagoas e/ou museus e jardins botânicos. Alguns parques urbanos contrastam com o tecido metropolitano no qual estão inseridos, como por exemplo: em Nova Iorque, o Central Park, e no Brasil, o Parque Ibirapuera em São Paulo e o Parque do Cocó em Fortaleza.

O lugar onde o lazer moderno é praticado em seu sentido amplo é a cidade. Esta foi muitas vezes estudada como um aglomerado de atividades econômicas, centro cultural e administrativo. O setor cultural é focado no lazer e está em todos os meios sociais, se caracteriza pelas atividades de repouso, informação desinteressada, divertimento e participação na vida social. Sua função exprime uma vasta gama de lazeres: práticos, físicos, intelectuais, artísticos e sociais. Daí a necessidade de uma política de planejamento para suscitar no lazer das massas urbanas, um equilíbrio entre os valores do repouso e do divertimento, assim como um equilíbrio de valores de lazer e trabalho, ou das obrigações familiares, sociais, cívicas e políticas.

Considerando estas discussões, verifica-se que alguns espaços foram criados sem a participação da comunidade. Em Sobral, a construção do Parque da Cidade não era identificada como demanda da população. Esta população, que vivia no entorno do local onde foi construído o parque antes de 2004, já se apropriava deste espaço de outra forma. As lavadeiras de roupas utilizavam o riacho Pajeú, o qual entrecorta hoje o parque, para retirar dali o seu sustento; as crianças brincavam nas águas do riacho e muitas residências de pequeno porte ali se instalavam. Com a construção do parque, novas formas de sociabilidade começaram a ser ali praticadas. Hoje, por exemplo, podemos ver novas casas sendo construídas no lugar onde antes era o espaço da população da classe baixa.

A construção de obras e equipamentos está prevista no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Sobral (PDDU) – código de obras e posturas. Nesta secção, o item XLIII diz respeito ao Centro de Unidade e Vizinhança e a define como:

*Área situada, aproximadamente, no centro geométrico da Unidade de Vizinhança, como seu elemento aglutinador. Será materialmente representado pelo conjunto de equipamentos de apoio à vida cotidiana, incluindo o lazer, a saúde, a educação, a segurança, e a estação de transporte público. Será o espaço público convergente na escala da comunidade e se estabilizará através da construção do*

*“fórum visível” da comunidade, cuja representação física será a de uma praça, com natureza acessível em suas proximidades, e tendo como elemento focal a estação de transporte público. (1999; p: 14)*

É necessário destacar que o plano não previa a construção do Parque da Cidade, apenas a Margem Esquerda do Rio Acaráu estava contemplada no plano. O PDDU constitui um documento formulado através de várias consultas à comunidade. Os espaços de lazer também estão previstos no Estatuto das cidades que rege de forma geral as políticas urbanas no Brasil. De acordo com o artigo 26: O direito de preempção será exercido sempre que o Poder Público necessitar de áreas para:

*V – implantação de equipamentos urbanos e comunitários;  
VI – criação de espaços públicos de lazer e áreas verdes;  
VII – criação de unidades de conservação ou proteção de outras áreas de interesse ambiental; (ESTATUTO DAS CIDADES, 2001; p: 09)*

Ciente destas especificidades é possível identificar como os espaços urbanos aqui citados sofrem a já descrita *gentrification* (LEITE, 2004). Nestes espaços, resignificados pelas políticas públicas, emergem novas formas de utilização do espaço, antes marcadamente popular, que se modificaram com as práticas estabelecidas pela classe média sobralense, como por exemplo, o cooper praticado nas manhãs e fins de tarde, o comércio impulsionado por vários quiosques, os quais oferecem uma gama de produtos e o próprio consumo da paisagem, com a construção de nobres casas e novos empreendimentos comerciais e imobiliários.

A justificativa para inserção de um parque no meio urbano perpassa toda uma análise sobre a chamada “qualidade de vida”. O lazer é definido como um direito social no artigo 6º da Constituição Federal Brasileira de 1988 e também é pauta de muitos planos de governo. Além do lazer, outros direitos sociais também acabam estando intimamente ligados a esse fenômeno, enquanto política pública, como por exemplo, o planejamento urbano. Este é de suma importância, pois é por meio dele que é possível a construção de espaços públicos para a prática do lazer.

O aumento do número de consumidores proporcionou o nascimento da indústria do lazer, que, atualmente, gera milhões de empregos e eleva a arrecadação de impostos com a criação de novas profissões, sobretudo no setor de serviços; construções idealizadas para entreter, como: cinemas, teatros, bares, parques, etc.

Com a redução da jornada de trabalho e o aumento da expectativa de vida, acredita-se que o homem possa desfrutar de um tempo significativo dedicando-se ao descanso, ao prazer e ao ócio. De acordo com os cálculos de De Masi (2000) um jovem do século XX tem uma perspectiva de vida de 530.000 horas, sendo 80.000 dedicadas ao trabalho. Descontando 219.000 horas para dormir e cuidar do corpo, sobrariam 226.000 horas de tempo vago, ou seja, quase o triplo do tempo de trabalho.

As políticas públicas se articulam com uma série de ações que privilegiam o lazer, enquanto foco importante na busca de promover o desenvolvimento social e econômico de uma cidade. O Governo Federal disponibilizava 0,2% do seu orçamento para o Esporte e Lazer. Desde 2006 este orçamento subiu para 1,5%. (ROSSO, 2006). Tal aumento é justificado por uma série de projetos que são desenvolvidos em parcerias com os municípios. Entre eles verifica-se o Projeto Social Esporte e Lazer, que será implementado em Sobral. Esse projeto tem caráter descentralizador e busca garantir o acesso ao esporte e ao lazer como previsto na constituição; beneficiará cerca de 1.600 pessoas, em 16 bairros periféricos da cidade de Sobral<sup>9</sup>.

*O Projeto Social Esporte e Lazer da Cidade diz respeito especificamente à questão de espaços públicos de esporte e lazer; "(...) Implantação e Modernização de Infra-Estrutura para Esporte recreativo e de Lazer. Busca a ocupação de espaços públicos presentes em perímetro urbano e rural, mediante construção, reforma, ampliação e provimento de equipamentos e materiais esportivos e de lazer, tais como quadras esportivas, ginásios, brinquedotecas, salas de recreação, dentre outras instalações voltadas ao atendimento das necessidades e demandas das comunidades". Assim não será possível solucionar a questão dos espaços públicos de esporte e lazer, construção, manutenção e acesso, apenas com propostas sem o aumento concreto nos investimentos nas áreas sociais. (ROSSO, 2006; p: 07)*

Os espaços de lazer são espaços sociais onde se estabelecem relações específicas entre pessoas, meios, grupos e classes. Espaço este que é determinado pelas características da população que o utiliza, pelos diferentes modos de vida. São geograficamente idealizados e projetados nos locais que melhor convém e levam em conta não somente o movimento permanente ou temporário dos seus frequentadores, mas também a sua necessidade para o equilíbrio de cidades cada vez maiores.

---

<sup>9</sup> Estas informações estão disponíveis na página da Secretaria de Esporte e Juventude de Sobral na internet. Disponível em: [[http://www.sobral.ce.gov.br/sec/d\\_esporte/](http://www.sobral.ce.gov.br/sec/d_esporte/)] Acesso em 07 de janeiro de 2008.

Para a compreensão e avaliação das políticas públicas sociais, criadas pelo Governo, é necessário que se tenha conhecimento das concepções de políticas sociais que sustentam os programas de intervenção. Visões diferentes de sociedade, Estado e política geram projetos diferentes, que implicam na definição de critérios específicos para o seu desenvolvimento, na enumeração e classificação de seus agentes públicos e privados, comerciais e não comerciais. Tais procedimentos aplicam-se tanto aos equipamentos públicos como aos privados.

Diversos estudiosos sobre o assunto, como (PARKER, 1978; CAMARGO, 1992; ALVES, 1999; PELLEGRIN, 2006) apontam que, com frequência, os gestores públicos não levam em consideração, durante a elaboração de projetos de lazer e esporte, as especificidades do local e as demandas individuais e coletivas. As evidências empíricas, a partir do caso de Sobral, indicam a ausência de participação efetiva da população na elaboração de políticas públicas nesse campo. Quando participam de ocasiões públicas, do tipo as reuniões de Plano Diretor Municipal, de conferências e de Orçamento Participativo, muitas das propostas não são concretizadas.

Considerando tais aspectos, as políticas públicas de lazer, como em qualquer outro campo, devem fundamentar-se numa postura crítica e articular-se com outras ações públicas, compartilhando princípios legais e legítimos, objetivos e recursos. Em outros termos, devem adotar como critérios fundamentais o incentivo à sociabilidade e ao bem estar da população. Neste sentido, o presente trabalho procura também apontar a importância de estudos a respeito dos espaços públicos, de suas contribuições para a formulação e a implementação de políticas públicas de lazer, assim como de suas implicações práticas no espaço e na vida daqueles que utilizam.



## CAPÍTULO II

### O PARQUE DA CIDADE: LINHAS DE SOCIABILIDADE, CONSUMO E LAZER.

*Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa.*

Italo Calvino – As cidades invisíveis (2004; p: 17)

#### 2.1 Lendo a cidade nas entrelinhas.

A cidade de Sobral vem passando por um processo de “modernização” que é caracterizado “por uma interminável sucessão de rupturas e fragmentações internas inerentes” (HARVEY, 2006; p: 22) a um contexto social específico. Ler a cidade com um olhar para além dos mapas e perceber suas mudanças e suas implicações diz respeito ao processo pelo qual passei ao longo desta pesquisa. Compreender a relação tempo-espço, na modernidade, a partir de um contexto específico, constitui um exercício reflexivo sobre a cidade e as práticas urbanas.

A discussão sobre a natureza, o sentido e as implicações da modernidade sempre estiveram presentes na Teoria Social. Nesse sentido, refletir a respeito das instituições e espaços urbanos modernos demanda, necessariamente, um esforço de compreensão do que vem a ser a “modernidade”, com base nos estudos já realizados. Quando digo “esforço de compreensão” é por que não há um consenso sobre o que é modernidade, sendo possível verificar diferentes concepções e abordagens, havendo quem defenda a idéia segundo a qual estaríamos vivenciando uma “Pós-Modernidade” ou “Supermodernidade”.

Em linhas gerais, os estudos sobre o tema da modernidade apontam no sentido de reconhecer o caráter “fluido” e transitório da vida social, institucionalizada, a partir do século XVIII, sobretudo pela ascensão do *sistema-mundo* capitalista e do

desenvolvimento da ciência e da técnica (WALLERSTEIN, 2002). Na esteira dessa discussão, a obra de David Harvey (2006) oferece boas indicações para pensar as transformações espaciais na modernidade que refletem nas paisagens urbanas.

De acordo Harvey, o modernismo, enquanto movimento estético de amplo alcance, é uma das chaves interpretativas das experiências de modernização urbana. Define o urbanismo moderno mais como consequência do que causa da modernidade urbana, tomando-a como o ambiente concreto de diferenças, que se manifestam nas experiências urbanas, as quais fomentam inúmeras reflexões urbanísticas. A modernidade se apresenta na vida urbana antes do advento do urbanismo de inspiração modernista.

O fenômeno urbanístico em Sobral também se insere neste processo de modernização global das estruturas econômicas e políticas. Fazer estudos sobre a cidade e na cidade é uma maneira de perceber como estas mudanças atuam nos cidadãos e em toda a organização social da mesma. O trecho da revista do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento Ceará (IABCE)<sup>10</sup>, a respeito do Parque da Cidade, ilustra bem a maneira como o espaço urbano de Sobral é observado:

*A inserção urbana do Parque Linear é arquitetonicamente adequada às condições de clima e da cultura cearenses. É relevante do ponto de vista estético e meio de humanização dos espaços públicos. Criterioso, o projeto trata da preservação do Riacho Pajeú na cidade de Sobral e aponta para a necessidade de recuperação do verde urbano nas cidades brasileiras. (TROFEU IAB-CE 2005: Praça e Parque da Cidade – Sobral<sup>11</sup>)*

Não é difícil perceber as contradições que este tipo de discurso apresenta. A “recuperação” do riacho Pajeú, propósito presente no projeto inicial do Parque da Cidade, não aconteceu efetivamente. Este riacho, pelo contrário, encontra-se em condições ainda piores. O acelerado processo de urbanização somado ao acúmulo de lixo e mau cheiro no riacho causam descontentamentos e reclamações constantes dos frequentadores do parque.

O processo “humanização dos espaços públicos” mantém relação com o processo de *gentrification* (LEITE, 2004). Este conceito refere-se às políticas de enobrecimento

---

<sup>10</sup> A arquiteta do Parque da Cidade Nícia Bormann, da empresa Oicos Arquitetos Associados Ltda, foi premiada na categoria “paisagismo” em 2005 por seu projeto feito em Sobral no Parque da Cidade, foco das observações deste trabalho.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.iabce.org.br>. Acesso em: 17 de agosto de 2007.

urbano, as quais têm como fim tornar a cidade uma mercadoria para ser consumida. Percebe-se isto nitidamente pelo processo em que a cidade de Sobral está inserida, o que a torna opulenta por possuir um belo patrimônio arquitetônico, que forma o centro histórico e cultural, tombado pelo IPHAN, em 1999 (FERREIRA, 2006). O poder público de Sobral então toma parte nesse discurso de *revitalização* dos espaços públicos para assim valorizar o seu entorno com a especulação imobiliária ou o próprio turismo<sup>12</sup>; ocorre assim um “disciplinamento da paisagem urbana” (LEITE, 2004) para fins comerciais ou mercadológicos.

A partir das observações de campo realizadas no Parque da Cidade, percebi que estas políticas de *enobrecimento* vêm contribuindo para que o entorno do parque se torne uma área valorizada, bem como para que o próprio parque atraia uma demanda de consumidores em busca de divertimento, produtos e serviços disponibilizados dentro e próximo ao referido espaço. No entanto, este processo é ainda incipiente na cidade.

Além dos espaços enobrecidos, existem na cidade os *espaços vernaculares* (ZUKIN, 2000). Nestes espaços acontecem pequenas mudanças urbanas e, na medida em que elas são aceitas, os modos de vida da “classe baixa” são pouco a pouco alterados por um ideal “nobre”. No entanto, isto acaba se definindo apenas como um ideal, não se concretizando enquanto característica fundamental deste processo. À luz desse conceito percebo que no entorno do Parque da Cidade, apesar de passar por um processo de enobrecimento, existem alguns espaços “inalterados”, permanecendo como espaços da classe baixa: casebres e favelas continuam no mesmo lugar, indiferentes ao processo de enobrecimento ocorrido nos seus vizinhos. À área onde ficam os bairros, Campo dos Velhos, Colina e Junco, foi enobrecida e interligada pelo parque. Nos bairros Alto da Expecativa e Alto da Brasília, o processo de enobrecimento foi muito menor, apesar de estarem muito próximos ao parque. Estes bairros continuam sendo ocupados por pessoas de classe baixa.

---

<sup>12</sup> A política de fomento ao turismo não vem tendo sucesso na cidade devido a ausência de atrativos naturais procurados pelo público em geral. As políticas que visam atrair turistas vêm sendo desenvolvidas a partir de dois pólos principais: o turismo de negócios ou de eventos, que consiste em atrair empresários para a realização de contatos comerciais, principalmente através do Centro de Convenções da cidade, e o turismo cultural, que atrai visitantes pela oferta de passeios em museus e no centro histórico. A cidade de Sobral se tornou uma cidade departamento, local onde as pessoas ficam hospedadas por breve espaço de tempo e daqui saem rumo à serra da Meruoca e à outras cidades próximas que oferecem praias, cachoeiras e outros atrativos naturais. Outro fator que pesa contra essa política de inserção da cidade de Sobral na rota turística do Ceará é o clima quente da cidade.

A urbanização das áreas no entorno do parque as tornou bastante procuradas para a construção de residências de médio e grande porte. Além disso, algumas ruas que circundam o empreendimento foram pavimentadas e também passaram por obras de drenagem e esgotamento sanitário.

Os objetivos que nortearam a formulação do projeto do Parque da Cidade assemelham-se aos fins perseguidos pelos “parques socialmente responsáveis” idealizados por Jürgen Diekert & Floriano Dutra Monteiro (1983), em seu livro “Parque de Lazer e de Esporte para todos”. Seu modelo pauta-se em seis critérios fundamentais:

- *Oferecer à população um Parque aberto a todas as faixas etárias, de ambos os sexos, para o indivíduo e para grupos (famílias, vizinhos, amigos, colegas, etc.) de um bairro ou uma quadra;*
- *Oportunizar a utilização regular de um ambiente ao ar livre, que produza a sensação de bem-estar;*
- *Estimular as diferentes formas de movimento, de atividades físicas, de jogos, de recreação, de lazer e de recuperação;*
- *Oferecer um local com muita natureza, com instalações e aparelhos simples, de baixo custo, preferindo material natural e reciclável;*
- *Oferecer um Parque com a participação e a identificação dos usuários no campo de planejamento, de organização e de manutenção;*
- *Dinamizar a vida comunitária, através da integração social dos seus usuários, oportunizando o desenvolvimento de um Centro Comunitário de um bairro e/ ou quadra. (DIEKERT; MONTEIRO apud ALMEIDA; DA COSTA, 2007: p. 103-104)*

Ainda que existam semelhanças entre a realidade do parque e os princípios formulados por estes autores, alguns empecilhos são notáveis, a exemplo da ausência de planejamento conjunto por parte da comunidade. O parque aglomera uma gama de atrativos para diversas faixas etárias e gostos diversificados. Proponho-me, neste trabalho, fazer um levantamento desses espaços e identificar o público que os frequenta. O primeiro espaço analisado é o Skate Park, localizado em uma das extremidades do parque. Este lugar foi o foco das minhas primeiras investigações, ao longo do ano de 2006, momento em que parti para o campo de pesquisa como “marinheira de primeira viagem”. Analisar um espaço em que jovens se divertem e praticam esportes radicais foi sem dúvida uma experiência animadora e ao mesmo tempo complicada. Compreender as práticas cotidianas de indivíduos tão diferentes, que buscam nos esportes radicais uma forma de sociabilidade e de esbanjamento de suas energias físicas, em que, em muitos casos, leva a seqüelas por toda a vida, causa-me estranhamento e curiosidade sobre suas

motivações. Estas observações foram tão ricas que propus um capítulo especificamente sobre o Skate Park.

A primeira ida a campo e as outras que se seguiram foram esclarecedoras para eu compreender como os espaços públicos “revitalizados” podem refletir no cotidiano dos indivíduos. Neste sentido, busco compreender como as categorias de espaço e lazer articulam-se de maneira teórica e prática.

A inauguração do Parque da Cidade se deu em 11 de novembro de 2004 e teve como principal atração o show do cantor Djavan. O investimento total do Parque da Cidade foi em torno de cinco milhões de reais<sup>13</sup> e sua justificativa de construção pautou-se no discurso da requalificação do espaço urbano, como vemos a seguir:

*O Parque da Cidade se desenvolverá ao longo do riacho Pajeú (Campos do Velho até o limite do Parque Estadual da Lagoa da Fazenda).*

*Esta obra, que será construída numa área de 65 mil metros quadrados, vai modificar toda a paisagem urbana, criando na região uma imensa área verde e de preservação ambiental. Também irá integrar áreas importantes como os bairros do Junco, Colina e Campos dos Velhos.*

*Já que a obra será construída numa área de predominância residencial a prefeitura terá que fazer algumas desapropriações. A intenção principal deste projeto é viabilizar a manutenção do riacho Pajeú. O projeto conta com a parceria do Governo do Estado através do Projeto de Desenvolvimento Urbano e Recursos Hídricos (Prourb) e com recursos do BIRD com a Prefeitura Municipal de Sobral. (Fonte: Boletim Municipal de Sobral, 16 de Julho de 2003 - Ano III - Nº 132)*

Este grande parque constitui um espaço destinado à utilização de diversas modalidades esportivas entre as já citadas, brinquedos infantis, assim como para várias atividades comerciais, principalmente no ramo da alimentação, pois há um número grande de bares e vendedores de sanduíches, churrasquinhos e outras guloseimas no local. A estrutura física do parque é composta por um anfiteatro; cinco playgrounds; oito estacionamentos, com aproximadamente vinte vagas cada um; quatrocentos e quatorze bancos; vinte e nove mesas de xadrez; vinte e duas mesas de piquenique; dezenove quiosques; uma pista de cooper de 1.800m; um campo polivalente para esportes e três

---

<sup>13</sup> Fonte Boletim Municipal de Sobral, 11 de novembro de 2004 - Ano IV - Nº 211.

campos de vôlei de areia. Além da Praça João Dias, localizada ao lado do Skate Park, toda área é irrigada e abastecida pela adutora do Açude Sobral (Cachoeiro).

No tópico a seguir faço um breve “mapeamento” das atividades realizadas no parque e de seu público. O público é bem heterogêneo e busca neste espaço momentos de lazer e descontração.

## **2.2 Mapas, fronteiras e tipologias do Parque da Cidade.**

### **2.2.1 *Pedaço* infanto-juvenil.**

O espaço construído na primeira fase do projeto ao lado do Skate Park é a Praça João Dias, o qual denomino de o pequeno “pedaço” infantil (ver figuras 01 e 21 dos anexos). Constitui o principal lugar onde se reúne o público infantil. Configura-se principalmente como espaço de lazer e consumo, com brinquedos infláveis e carrinhos elétricos. Além disso, playgrounds públicos estão distribuídos por todo o parque. Na praça também existem diversos comerciantes que vendem lanches, doces, sorvetes e fotógrafos de aluguel (ver figuras 17, 18, 19, 20 dos anexos). Estes serviços são disputados no espaço, mas o que é mais procurado pelo público infantil são os brinquedos infláveis, cujo valor da ficha é R\$1,00, os quais são montados no local de terça a domingo. Tal modalidade de lazer apresenta-se em outros espaços da cidade. Os proprietários dos brinquedos pagam o aluguel do espaço público à Prefeitura no valor de R\$51,80 por brinquedo; os equipamentos de diversão possuem um contador de energia próprio. Outros equipamentos do lazer infantil são os carrinhos elétricos: a cada seis minutos paga-se R\$2,00. Os carrinhos de pedais custam R\$1,00. Estes estão há três meses no local e o dono, Chico do Nordeste, foi o primeiro a chegar à Sobral com a novidade que as crianças adoram. De acordo com esse empresário, os carros precisam de manutenção constante, em média, dois carros quebram por semana. Funciona de quinta a domingo e tem um público estimado de 250 crianças semanais. Quando fala do seu produto o empresário exalta: “Hoje a praça vive uma fantasia nas cores e diversidades dos carros”.

Essa fantasia também é verificada em um dia especial do ano: a “Praça da Criança”, que pela terceira vez é realizada no Parque da Cidade, no dia 12 de outubro,

em comemoração ao Dia das Crianças na Praça João Dias<sup>14</sup>. Na ocasião aglomeram-se inúmeras crianças e pais que buscam momentos de lazer. A praça se enche de pessoas de todas as idades. O evento é uma iniciativa da Secretaria de Cultura, da Secretaria de Juventude e da Fundação de Ação Social do município. Nesse dia, em específico, a praça se transforma numa arena de atrativos variados: bandas de música se apresentam num pequeno palco; contos de histórias são narrados e crianças discursam no palanque do “prefeito por um dia”. Esta última é uma brincadeira em que as crianças sobem no palanque improvisado para pegar o microfone e falar o que fariam se fossem prefeitos da Cidade de Sobral. Nesse momento, fazem muitas reclamações e surpreendem o público presente com o conteúdo das falas: “... se eu fosse prefeito eu acabaria com a fome...” (Carlos Sandro Cavalcante, 11 anos, Bairro Alto da expectativa). Ou ainda, “se eu fosse político eu fazia um monte de coisas, dava livros e muitos picolés na escola” (Fernando de Sousa, 10 anos, Bairro Junco). Jogos e esportes, como o futebol, a carimba e o bambolê, também acontecem. Outros atrativos como pintar o rosto, fazer esculturas em balões, fazer pinturas no papel, brincar com argila ou simplesmente comer pipoca e sorvete de graça.

Outro espaço de brincadeiras infantis e juvenis é o pequeno anfiteatro localizado no meio do parque, o qual não tem utilização direta por parte do poder público, quanto à realização de eventos. O anfiteatro normalmente é utilizado por jovens que se aproveitam do piso liso para treinarem passos de *street dance*, uma modalidade de dança bastante praticada por jovens do movimento hip hop, originária do subúrbio norte-americano. A maioria dos passos é executada no chão.

Os *playgrounds* são utilizados por crianças. Entre os mais disputados estão aqueles que ficam próximos aos bares e de maior iluminação. Nestes, os pais podem acompanhar as atividades dos filhos. Dentre os cinco *playgrounds* existentes percebi que só três deles são utilizados (ver figura 07 dos anexos) e não passam por manutenção regular (o Skate Park e a pista de *bicicross* também não têm manutenção), pois se encontram em processo de degradação, apresentando tábuas quebradas e alguns destes

---

<sup>14</sup> Este dia é uma “loucura”. Antes de realizar esta pesquisa, era estagiária da Secretaria de Cultura do município e trabalhei no evento. Lembro-me que quando chegava essa data comemorativa, era um momento de muita organização e rapidez; as crianças sempre queriam as coisas logo e faziam muita bagunça. Numa das vezes fui a responsável por distribuir as fichas de sorvete e pipoca. Quase fui soterrada por uma avalanche de crianças ansiosas. Tive que imediatamente solicitar ajuda dos guardas municipais que controlaram a situação fazendo um cordão de isolamento, possibilitando que a fila fosse formada. Concordo com Elias (1992) ao dizer que o lazer propicia uma válvula de escape para as fortes emoções.

brinquedos estão inativos. No entorno dos *playgrounds* há campos de areia onde as crianças realizam diversas brincadeiras, como “carimba”, um jogo onde dois grupos se separam e tentam acertar a bola no adversário; praticam também outras brincadeiras com bola.

Os campos de vôlei de areia são bem disputados e diversos grupos se revezam na utilização das quadras (ver figura 23 dos anexos). Até o ano de 2007, existia um grupo de travestis que freqüentava uma das quadras. Devido às diversas vezes em que a bola caía no canal do riacho, sujando as praticantes, acabaram se transferindo para a quadra do Colégio Jarbas Passarinho. Na época, em que freqüentavam o parque, chamavam muito a atenção de outras pessoas. Aos sábados, quando jogavam maquiadas, utilizando shorts curtos e trajes femininos, gritavam bastante. Muitas pessoas paravam para observar, acompanhavam com admiração e estranhamento, sorriam e faziam comentários a cada performance extravagante. Conforme um ex-praticante de vôlei, alguns travestis deixaram de jogar por terem colocado silicone nos seios.

### **2.2.2 Bares e restaurantes.**

Os quiosques são os espaços prediletos dos jovens e adultos. São bares e lanchonetes que disponibilizam ao consumidor um cardápio variado, além de alguns destes pontos oferecerem música ao vivo: as serestas do Parque da Cidade. Esses quiosques foram uma alternativa da prefeitura dada aos donos de outros pontos comerciais que antes se localizavam em praças. Estes foram retirados devido a reformas feitas nesses espaços públicos, havendo uma realocação dos mesmos ao longo do Parque da Cidade ou recebendo indenizações por parte do poder público.

As serestas são festas que acontecem de sexta-feira a domingo e aglomeram jovens e adultos em busca de diversão e bebida. Este tipo de festa é realizado em dois espaços: em quiosques dentro do Parque da Cidade e o outro é em um restaurante no entorno do parque. Na preparação que antecede a festa, o lugar vai se enchendo de cadeiras e mesas e é montada uma estrutura de som com um pequeno palco e amplificadores. Por volta das 19 horas as pessoas vão chegando e se acomodando nas cadeiras. O ápice da festa é aproximadamente às 23 horas quando a banda toca animadamente no último volume e os corpos dançam meio alcoolizados. O público, em sua maioria, são residentes próximos do entorno do parque. Estes conhecem as pessoas que freqüentam este espaço e fazem dele o seu *pedaço*. Numa ocasião em que a



orientadora deste trabalho freqüentava a seresta na condição de pesquisadora, foi alvo de vários olhares que indagavam a sua procedência e seu interesse naquele espaço, já que visivelmente ela era diferente dos que ali estavam. As serestas são espaços observados com preconceito por parte da população “nobre”, que vive no entorno do Parque da Cidade, pois se incomodam com a intensidade do volume do som e com a “bagunça” que lá é feita, tendo em alguns casos havido tiroteios e assaltos.

Os quiosques oferecem comida rápida e são os espaços preferidos dos jovens, das famílias e dos casais de namorados. O Sr. Aguiar, proprietário do quiosque Mix Burger, está há seis anos no ramo de alimentação e há três no Parque da Cidade. Contou-me que para conseguir um ponto falou com um vereador amigo seu, o qual intermediou a negociação com a prefeitura através de um cadastro. Em poucos dias recebeu a chave do quiosque e teve oito dias para colocá-lo em funcionamento. Diz também que não teve que pagar nenhuma taxa e nem aluguel, a sua única responsabilidade é abrir o ponto todos os dias (17h30min – 2h da manhã) e fazer a limpeza do local.

Afirma ter uma clientela fiel e por isso não coloca música ao vivo, pois acredita que mudará sua clientela. Seu faturamento mensal varia entre cinco e seis mil reais. Falou também que os donos de outros quiosques que já possuem a chave, alugam o ponto por R\$250, e diz que alguns não têm fiação elétrica e outros fecham por gastar o capital de giro. Na gestão do Cid Gomes era limitado o número de mesas permitido por quiosque, motivo de grandes conflitos entre os comerciantes do local, pois eles ficavam denunciando o concorrente à prefeitura. Hoje não existe mais essa fiscalização. Reclama da falta de iluminação pública e da falta de eventos no local: “A gente aqui é esquecido, não fazem evento aqui, só no Arco<sup>15</sup>; Aqui não tem show nem uma feirinha de artesanato” (Aguiar, 41 anos). A fala do dono do quiosque nos faz pensar acerca das prioridades dos espaços escolhidos pela prefeitura para fazer seus grandes eventos. Porque o Parque da Cidade não tem uma visibilidade em termos de eventos? Seria um descaso da prefeitura por não ser um espaço “tão nobre” quanto outros espaços escolhidos para tais atrações?

### **2.2.3 Paqueras e namoros.**

---

<sup>15</sup> O Boulevard do Arco também é um espaço revitalizado no ano de 2004, fica no centro da cidade e aglomera uma gama de atrativos mais “nobres” que o Parque da Cidade. O Arco é utilizado pelo poder público para diversos eventos, principalmente grandes shows em datas comemorativas da cidade.

Os espaços do Parque da Cidade contemplam características que dizem como os espaços influenciam na vida das pessoas. Um desses exemplos é quando tratamos de *calçada-luz* e *calçada-sombra* (LEITE, 2004). A calçada iluminada abrange as atividades que exigem maior visibilidade, como é o caso dos quiosques com música ao vivo e lanches, os playgrounds, as quadras de areia e o comércio em geral. No entanto, existe um espaço prioritariamente escuro, valorizados por alguns frequentadores, possibilitando que casais de namorados fiquem mais à vontade nos bancos que se localizam embaixo das luzes queimadas. Constitui o lugar mais íntimo do parque. Nos bancos os casais de namorados conversam e trocam carícias. Em entrevista com uma frequentadora do local, ela explicita: “Aqui é bom porque é mais escurinho” (Juliana, 17 anos)<sup>16</sup>.

#### **2.2.4 Geração saúde, esportes radicais ou apenas passeando.**

O Parque da Cidade se apresenta como um intricado de atividades ali desenvolvidas. Um dos equipamentos construídos pela prefeitura e localizado em uma das extremidades do Parque da Cidade é a pista de bicicross race (corrida). Esta pista tem padrões competitivos. Em agosto de 2006 houve um campeonato na pista de bicicross, para o qual vieram praticantes de todo o país e dois estrangeiros (ver figura 24 dos anexos). Do Ceará, apenas dois praticantes chegaram às quartas de final e não havia nenhum sobralense competindo. Acredito que uma das influências para a pista de bicicross ter sido construída pode ser explicada pela inserção do esporte nas olimpíadas de 2008. Este espaço também é o mais isolado no parque, pois não há muita iluminação e o fluxo de pessoas é quase inexistente.

Percorrendo todo o parque temos a pista de Cooper, que é o próprio passeio, no entanto não é sinalizada com a quilometragem (ver figura 08 dos anexos). Maria de 62 anos anda pelo Parque da Cidade todas as manhãs por uma hora. Ela vem de carro e também traz o seu terço. Enquanto ela dá duas voltas no perímetro do parque, reza seis vezes o seu rosário. Ela gosta do parque, porque ele é amplo e bom para correr. Antes ela corria na Lagoa da Fazenda e no Centro de Convenções. Outra corredora é a professora Conceição de 42 anos. Começou a correr desde que o médico dela recomendou exercícios físicos para um problema que tinha no joelho. Vem todos os dias e prefere correr pela manhã, pois o clima quente ajuda a suar mais o corpo e perder calorias, além de ser mais

---

<sup>16</sup> Nome modificado pela autora.

movimentado. Alguns corredores não querem conversar, pois perdem o ritmo da caminhada.

Outro grupo que aparece nas terças e quintas-feiras, por volta das 6 da manhã, é o grupo de caminhada organizado por professores de educação física e apoiado pelo SESC. Nestas atividades, são orientados alongamentos e as melhores maneiras para caminhar ou correr. Aqui vemos pessoas de diferentes idades e que em sua maioria são moradores de áreas próximas ao parque.

Por último, verifica-se que a ciclovia apresenta um dos maiores problemas do parque. A pista não é pavimentada apropriadamente, é uma pista de cascalho e cheia de ondulações que inviabilizam o uso da mesma. O trânsito de pedestres e bicicletas na estreita calçada do passeio é motivo de várias reclamações e leves atropelamentos. Outro grande problema do parque é o próprio riacho Pajeú, que está poluído exalando um mau cheiro, e, como dizem os frequentadores do parque, é um “esgoto a céu aberto”. O mau cheiro se acentua nas pontes que atravessam o parque, pois ficam em cima do riacho.

### **2.2.5 Morar e consumir**

O entorno do Parque vem passando por um processo de valorização da sua área. Foram construídos prédios, academias de ginástica, lojas de computação e de roupas e um supermercado. No entanto, o Parque nas suas extremidades retrata realidades bem diferentes. Se próximo da Praça João Dias verifica-se uma especulação imobiliária, cujo lote de trezentos metros quadrados pode chegar a até cinquenta mil reais<sup>17</sup>, na outra extremidade, a da pista de *bicicross*, a pobreza e as casas pequenas também chamam a atenção pelas alarmantes diferenças sociais neste espaço. Isto é demonstrado pelo fato de haver diferenças de estrutura residencial e econômicas muito grandes em espaços pequenos. O entorno, ou seja, as casas que estão voltadas para o parque são prioritariamente das classes mais abastadas.

*Mais do que uma segregação do espaço através das restrições ao consumo desses produtos e serviços, definidas pelos excludentes critérios de renda, essa ‘estetização’ se relaciona também a estilos de vida de uma classe média urbana, cujos hábitos e sensibilidades estéticas parecem cada vez mais marcados pela busca de certas áreas públicas que ofereçam ao mesmo tempo, lazer e segurança. (LEITE, 2004; p: 73).*

---

<sup>17</sup> Valor revelado pela imobiliária Edina Araujo, responsável pelas vendas naquela área.

Em relação a segurança, no Parque da Cidade há um quiosque da guarda municipal, com doze guardas, divididos em dois grupos, em turnos de doze horas. Um guarda conta que há uma média de dois assaltos por semana no perímetro do parque. Entre os casos mais alarmantes ele cita: tiroteio, corte com faca, overdose, consumo de drogas e assaltos.

O entorno do parque é um foco importante de minhas observações. Nele pude perceber como a área tem se modificado para oferecer um melhor “padrão de vida”. Este estudo tenta compreender porque as pessoas optam por morar nessa área. Como essas pessoas se comportam? O que elas consomem? Por isso, a seguir farei um breve levantamento dos serviços oferecidos.

Um dos espaços de consumo faz referência ao próprio parque e explicita um pouco o modo de vida de quem mora no seu entorno: uma academia de atividades físicas. Toda a academia foi projetada de forma rústica e na sua construção foram deixadas algumas árvores antigas que foram adaptadas ao projeto arquitetônico da academia. Denis, proprietário da academia Park Fitness e morador antigo do bairro, comenta a respeito: “queríamos integrar o parque à academia, misturar onda “natureba” com geração saúde, evitamos o ambiente hi-tech comum a outras academias”. Apesar de ter sido inaugurada recentemente, em outubro 2007, possui um bom público constituído por morador das proximidades do parque (ver figura 16 dos anexos). O terreno da academia era o antigo quintal da casa de Denis.

O Parque da Cidade foi inserido em uma área que passou por muitas mudanças nos últimos quatro anos. Estas mudanças foram notadas em todos os sentidos, tanto no espaço físico como nas práticas ali exercidas. Por isso, foi necessário conversar com moradores antigos para compreender melhor em que contexto e como foi a construção do parque. Denis foi um informante importante nesta pesquisa, pois além de morador e empresário da aérea, é sobrinho dos engenheiros da Tecnocon, empresa de engenharia da família Ferreira Gomes, que construiu o parque. Denis conta que antes o córrego era bem limpo e que as pessoas do alto do riacho o utilizavam bastante. Mas na área que hoje está o parque ele não era utilizado: “Aqui era só mato, tinha maconheiro pra caramba e era perigoso”. Havia só duas casas, a dele e o terreiro de umbanda de Zé Maria Mulher, que faleceu há um ano. Ele conta que hoje há apenas “vandalismo juvenil”. Crítica os ciclistas que dão chute nas lixeiras, as pessoas que utilizam bicicletas sobre a calçada e os donos de cachorros sem focinheira.

Um ponto importante em sua fala refere-se à fase posterior à construção do parque. Nesse período houve muita especulação imobiliária e supervalorização dos terrenos. Para Denis, o grande motivo dessa alta procura se deve ao fato que todos sabiam que teriam um parque na frente das suas casas e isso agradava. “Isso aqui virou uma bolha imobiliária, teve um boom de construções depois do Parque”. Conta que um terreno na área valia 15 mil e hoje chega até 70 mil. Este depoimento nos remete ao que Costa (1989) define como *espaço-bolha*, “o espaço que se forma envolvendo um evento ou uma situação contextual urbana, de forma a generalizar seu aparecimento no espaço urbano, já que se trata de um movimento instituído por esferas de ordem social, política, econômica e cultural” (COSTA *apud* SILVA FORTE, 2004; p: 41). Fica assim definido o espaço-bolha do Parque da Cidade, onde eventos indicam práticas precisas. Durante o dia o espaço é transformado em uma pista de cooper e durante a noite o passeio tem a função privilegiadamente comercial.

O que é motivo de reclamação e torna este espaço uma “bolha-fétida” é o canal do riacho, principal preocupação dos moradores e frequentadores do parque. Como solução para o problema, a prefeitura formulou um projeto de canalização do esgoto por debaixo do riacho, que objetivava deixar somente a água limpa. No entanto o mesmo ainda não foi executado. Os moradores acreditam que a realização do projeto diminuiria o incômodo causado.

Depois da construção do parque o riacho diminuiu seu fluxo e se transformou em um esgoto. Denis diz que é importante uma melhor manutenção do parque, como a limpeza do canal e cortes da mata ciliar. Isso tem se verificado como reclamação constante de vários moradores e frequentadores da área. Conta ainda que, na gestão Cid Gomes, isto era feito e que hoje há um descaso do poder público. O secretário de desenvolvimento urbano e meio ambiente na época era Herbert Rocha. Era usuário do parque, fazia cooper e por isso havia maior fiscalização, no ponto de vista do morador.

Outros moradores, Edineu e Simone estão no bairro há 15 anos, mas passaram a morar na frente do parque há apenas um ano. Edineu diz que: “Para mim isto nunca foi um riacho, sempre foi um esgoto a céu aberto; não sentamos na calçada pelo mau cheiro e pelas muriçocas, isso aqui era um pântano”. Conta que com a construção dos quiosques “veio alguma bagunça”, mas hoje está mais controlada. Reclama do descaso do poder público e das altas taxas que tem que pagar com a licença de 2,5% do valor do terreno para construir na área. Reclama: “Já pedi asfalto 15 vezes. Na época do Cid aqui tudo era

limpo, isso aqui é um cartão postal da cidade, mas é tudo sujo, o que os turistas vão falar daqui?”

As falas dos moradores do entorno e freqüentadores do Parque da Cidade sempre clamam por uma maior visibilidade do poder público sobre o local. O espaço, aqui citado, precisa de constante manutenção e isso não vem ocorrendo de fato. Em entrevista concedida aos pesquisadores do Laboratório das Memórias e Práticas Cotidianas (LABOME)<sup>18</sup>, o atual secretário de desenvolvimento urbano e meio ambiente, o Senhor Campelo Costa expõe seu ponto de vista:

*(...) o grande saco<sup>19</sup> do nosso trabalho aqui, da nossa secretaria, tem sido a preocupação da manutenção da qualidade do que foi construído, hoje mesmo eu dei uma volta ali, a gente descobre que tá tudo quebrando né, faltam placas de piso em tal lugar e assim assado, quer dizer, esse tipo de controle a gente tem que fazer dia-a-dia. (COSTA, 2007)*

As modificações nas estruturas físicas da cidade são percebidas ao caminharmos pela por Sobral. Tais mudanças não se dão somente na parte física, mas também nas pessoas que vivem na cidade. A urbanização do parque possibilitou a especulação imobiliária e valorização da área do seu entorno. Seriam estas características a principal motivação do poder público com a construção do parque? Os estudos urbanos buscam compreender estas mutações. Novos espaços são criados e aí, então, se configuradas novas práticas, estas se adaptam às intervenções do público e do privado. Os espaços da cidade são criados com um fim e uma preocupação em responder à demanda de atrativos, assim como para o seu próprio embelezamento. Esta demanda se exerce em nome de políticas públicas que privilegiam certos aspectos da vida cotidiana da cidade em prol do enobrecimento. Um morador do bairro diz: “as pessoas gostam disso, gostam do que é belo” (Elmo, 31 anos).

Para Magnani (2000) o espaço é uma relação entre sociedade e comunidade e é explicada por sua dinâmica urbana. Sua comparação cabe em uma associação e entendimento íntimo entre várias pessoas:

---

<sup>18</sup> Entrevista realizada no contexto da pesquisa “A Cidade Narrada: Práticas Cotidianas e a Arte de Construir a Vida no Urbano”, projeto de iniciação científica cadastrado no Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, tendo como pesquisadores responsáveis, Nilson Almino de Freitas e Ana Argentina Castro Sales.

<sup>19</sup> De acordo com o entrevistado o termo “saco” refere-se a um amontoado de coisas.

*Quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço. O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociedade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individuais impostas pela sociedade. É nesses espaços em que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividade vicinais. É também o espaço privilegiado para a prática do lazer nos fins de semana nos bairros populares. Dessa forma o pedaço é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas e condição para seu exercício e fruição. (MAGNANI, 2000; p: 32)*

Essa citação ajuda a compreender a cidade não só como um recorte espacial, mas também enquanto uma complexidade de relações que a circundam. Dessa forma, a cidade se torna uma variável, criando-se uma *cultura urbana* da qual a sociedade inserida em tal contexto elabora e a transforma com suas práticas. Essas “vidas urbanas” não estão isentas de inúmeras influências como podemos constatar:

*No discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias sócio-econômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre remontar aquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder “se urbaniza”, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico. (DE CERTEAU, 1996; p: 174)*

Ao longo deste capítulo busquei construir uma reflexão a partir do exame de dois tipos de discursos: aquele que é utilizado pelo poder público, com seus projetos e suas propostas de desenvolvimento social e urbano e o outro é o discurso produzido pelos usuários e grupos para os quais são direcionadas tais políticas públicas, que transformam e se apropriam efetivamente do espaço, modificando-o e transformando seu próprio cotidiano através de novas sociabilidades.

## CAPÍTULO III

### O SKATE PARK E SUAS PRÁTICAS RADICAIS

*Após o sonho, partiram em busca daquela cidade; não a encontraram, mas encontraram uns aos outros; decidiram construir uma cidade como a do sonho.*

Italo Calvino – As cidades invisíveis (2004; p: 45)

#### 3.1 A construção do Skate Park

Como foi dito anteriormente, o Skate Park foi o palco das minhas primeiras investigações. Esse “pedaço” do Parque da Cidade me fez dedicar a maior parte do tempo de pesquisa que seria atribuída a todo o restante do espaço. Tal dedicação deve-se também ao fato de o Skate Park se inserir na cidade de Sobral como um campo novo de atuação de alguns jovens, vindos principalmente de bairros da periferia e estarem ali proporcionando, através de uma atividade “radical”, um novo olhar sobre a própria cidade, que carrega desde a primeira gestão de Cid Gomes o signo de “moderna”, e que, passa a se diferenciar de outras cidades do interior do Ceará, descaracterizando o jeito de pensar o interior fazendo relação direta com a roça, com o “mato”, com a falta de equipamentos urbanos, etc.

Situado no Parque da Cidade, ali observei como os jovens que freqüentam aquele espaço modificam e resignificam seu cotidiano e suas práticas comportamentais. A construção da pista no ano de 2004 veio favorecer um grande contingente de novos desportistas, que potencialmente acreditam que o esporte pode lhes proporcionar maiores oportunidades, além de se configurar como um espaço de aprendizado, lazer e sociabilidade.

O Skate Park é uma reivindicação antiga dos skatistas da cidade. Em Sobral existia o movimento skatista que se reunia principalmente na Praça do Abrigo que fica localizada próxima ao Boulevard do Arco e para lá levavam obstáculos de madeira, como rampas e caixotes utilizados para o treinamento ou praticavam o esporte na rua e nas



calçadas. Os praticantes de skate fizeram várias manifestações em prol do movimento skatista. Manifestos foram realizados nas inaugurações em que o prefeito estava, na época Cid Gomes; protestos em frente à prefeitura, acompanhados de abaixo assinados, enfim, uma série de artimanhas para conseguir um contato com alguém que possibilitasse a efetivação dos seus anseios e desejos. Chegaram a criar até uma associação de skatistas na cidade. Em meio a tantas reivindicações, algumas pesquisas foram feitas pela prefeitura de Sobral e constatou-se a visibilidade nacional que o esporte poderia trazer. A princípio, o projeto indicava a construção da pista na Margem Esquerda do rio Acaraú. No entanto, lá se gastaria muito dinheiro, pois o projeto continha um *bool* (uma cova em forma de bola) e algumas rampas, o que acabou não sendo feito.

A nova proposta da obra foi disponibilizada na internet e uma empresa especializada mandou um projeto, o qual foi aceito tanto pela prefeitura de Sobral como pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK). Tal proposta tornou-se o projeto da atual pista de skate no Parque da Cidade.

Antes da construção da pista, os jovens se apropriavam das praças da cidade para suas práticas esportivas, no entanto isso era motivo de conflitos freqüentes. Seus skates eram os destruidores das calçadas e bancos, fato que os faziam correr clandestinamente e serem perseguidos pelos guardas municipais. Sua visibilidade se pautava no sentido de “subverter a ordem” existente na cidade, explicitada pela política de “higienização” dos espaços públicos.

Finalmente, parte de seus primeiros anseios se concretizaram sob a forma de uma Associação dos Skatistas de Sobral, no início de 2004, antes da construção da pista. Entretanto, discórdias acabaram por desorganizar o movimento. Atualmente, estes jovens estão freqüentemente lutando, de maneira individual, por um reconhecimento no meio esportista. Cabe aqui ressaltar que, a identidade não é algo parado ou estagnado no tempo, ela é transformada continuamente pelas práticas e a influência interna e externa do grupo. Segundo Carrano,

*O Agir comunicativo da juventude no presente seria uma resposta frente aos sentidos da necessidade. O futuro não é mais tratado como aquele que foi idealmente traçado para ser, mas aquele que pode ser. É a necessidade que cria a identidade comum e a motivação para o agir coletivo. A necessidade comum pressuporia também um agir também comum. Essa materialidade do estar em conjunto favoreceria a sociabilidade eletiva do microgrupo na busca da destruição simbólica do mundo externo. (CARRANO, 2002; p: 140)*

Conforme o autor, existe um sentimento de pertencimento ao grupo que cria o que chama de identidade entre os seus membros. Esta identidade é proporcionada pelo agir coletivo e mais se assemelha à busca de um estilo do que a uma construção de personalidades estagnadas, atribuindo ao grupo sempre novas características.

Os praticantes de esportes radicais em Sobral compartilham semelhanças e ideologias que estão além do espaço onde usualmente se encontram. O grupo se expande pela cidade, cruzando carros, se confundido no meio da multidão, no trabalho ou na escola. Este elabora múltiplas facetas da vida cotidiana, porém seus anseios e seus sonhos têm um lugar específico para sua concretização, no meio do grupo do qual escolheram pertencer. Os espaços utilizados por esse grupo também se expandem através de políticas públicas voltadas para os esportes radicais e para seus jovens praticantes. Então, como é possível mapear os espaços em que estes jovens se apropriaram e deram uma “vida” especial ao lugar, fazendo com que se diferenciem de armações de concreto e passem a ter voz, cor e forma, muito além do imaginado pelos gestores e idealizadores de tais projetos? Cabe evidenciar que, as políticas públicas voltadas para o lazer dos jovens no Brasil estão previstas em Lei no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990. O artigo 59 do ECA determina que “os municípios, com apoio dos Estados e da União, estimulem e facilitem a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.”

Os primeiros skates surgiram na década de 30 na Califórnia - Estados Unidos, como uma opção dos surfistas nos dias de poucas ondas. Estes jovens adaptaram uma pequena prancha com rodas de patins chamada *sidewalk surf*. Sua popularidade somente foi atingida na década de 80 com o famoso skatista Rodney Mullen. Ele revolucionou as manobras até então existentes, criando um estilo próprio que hoje serve de base para várias manobras. No Brasil o skate é um dos esportes mais populares e a primeira pista da América Latina foi construída em Nova Iguaçu no Estado do Rio de Janeiro. Os skatistas brasileiros são conhecidos mundialmente e essa é a principal influência do movimento skatista em Sobral.

De acordo com os dados da CBSK, são 272 competidores profissionais em atividade no País e cerca de 10 mil competidores das categorias de base (Feminino 1, Feminino 2, Infantil, Mirim, Iniciante, Amador 1, Amador 2) e de veteranos (Master, Grand Master e Legends). A média de idade entre os competidores das categorias de base é entre 16 e 17 anos, menos entre a infantil e a mirim. Em termos de competição, as praticantes do sexo feminino representam 3% do contingente. Em outra pesquisa

realizada em dezembro de 2006 pelo Datafolha, foi constatado a existência de 3.200.000 domicílios brasileiros que há pelo menos um skatista, aproximadamente 6% do total dos domicílios brasileiros. Deste contingente, 8% são do sexo feminino. Existem pelo menos 1024 pistas de skate distribuídas em todos os 27 estados brasileiros, um crescimento de mais de 210% nos últimos quatro anos (Fonte CBSK).

### **3.2 Uma breve descrição do espaço e das práticas.**

O Skate Park é a primeira pista pública do município com obstáculos variados. Tem uma área com 520 metros quadrados, divididos em mini-rampa, savanas com caixote e traves, funbox, quarters, rampas retas de 45° e corrimãos. Todo o projeto foi feito pela Flyramp Skateparks, uma empresa especializada nesse tipo de construção.

No espaço aqui apresentado existem quatro pontos chave de observação. O chamado “lado pequeno” é o do skate e fica ao lado do supermercado Lagoa. Esse espaço se torna muito quente devido aos exaustores que esquentam o ar e a parede de trás do supermercado Lagoa, onde existe um gramado em que os mesmos usam para descansar após as manobras. O Skate Park é todo grafitado. Este trabalho foi feito durante o campeonato nacional de 2005. No “lado pequeno”, o dos skatistas, há grafites com mensagens que acabam fazendo parte do “modo de pensar radical”. Este modo de pensar caracteriza-se pelo discurso utilizado entre eles, orientado por suas vontades e desejos. As maneiras de se vestir e agir evidenciam-se na reprodução das figuras desenhadas: uma menina com o skate na mão e em destaque tem “Jesus é a Salvação” e, em pequenas bolhas, palavras de ordem como: “vontade de correr”, “capacidade”, “rua”, “coragem”, “fé”, “adrenalina”, “caltela”(sic), “amor”, “proteja o verde”, “parem o crime”, “parem a violência”, “ajude alguém”, “use camisinha”, “humildade acima de tudo”, “chega de preconceitos”, “ciência, paz e irmandade”, “ame a Deus é o certo”, “paz”, “pratique esporte”, “paz no trânsito” e “pense antes de agir”. O que está em destaque em letras maiores é “SKT”, “BMX”, “JESUS”, “PAZ” e “CURTA RAP”. Vale ressaltar que estes grafites estavam conservados até setembro de 2007, pois, com o campeonato deste ano, eles foram modificados, pois o ato de grafitar durante a abertura do campeonato torna este momento interessante, atraindo muitos curiosos.

Na parte traseira do muro do supermercado estão grafitados um dos símbolos da cidade - o arco de nossa senhora - e uma caricatura do Superlagoa andando de skate. Também está escrito: “Lupinho vive”, uma homenagem a um skatista militante da causa

pró-pista que morreu quando voltava do festival de quadrilhas, que aconteceu na cidade, em 2004, acompanhado de sua namorada. Os dois se envolveram numa briga de gangues e o jovem rapaz levou três facadas chegando a falecer poucos dias antes da inauguração da pista no Parque da Cidade.

Na parte traseira da pista há um canal que atravessa todo o parque, o qual foi parcialmente coberto por reivindicação dos praticantes durante o primeiro campeonato nacional de skate, pois os skates caíam dentro do canal e tinham que ser buscados pelos praticantes, acabando por se molharem e se sujarem de lama. Nesta parte da pista, a parede se transformou numa espécie de painel com assinaturas dos grafiteiros em letras grandes e coloridas: O nome UZE estilizado e a mensagem “Tudo posso naquele que me fortalece” e o outro grafiteiro chamado SELO com a mensagem “Não há rei que se salve com a grandeza dum exército, nem o homem valente se livra pela muita força. Salmo 32:16”. Percebemos a influência da religião neste espaço que pode ser considerado “sagrado” pelos praticantes de esportes radicais em Sobral.

Ao lado esquerdo, no chamado “lado alto” que é utilizado pelos *crossistas* (ciclistas) e pelos patinadores que normalmente circulam por toda pista, há três bancos posicionados paralelamente, no entanto esses bancos não oferecem uma boa visibilidade para a platéia. Na parede lateral está escrito: “Preserve a quadra ela é nossa, conquista e vitória para o esporte radical de Sobral!!! União de grafiteiros de Sobral (UNIGRAF-SS)” e novamente “Lupinho vive” e “A paz verdadeira é a de Deus!!!”. Na parte dianteira da pista está escrito bem grande “Esportes radicais também é cultura!”. Cabe aqui evidenciar que, a divisão da pista, segundo me informaram, foi delimitada numa reunião informal, na qual estiveram presentes os desportistas das três modalidades que definiram os espaços de utilização de cada categoria, no entanto, essa delimitação não é totalmente respeitada.

Neste espaço os praticantes compartilham de códigos construídos ao longo das atividades esportivas e que são incorporados pelos “novatos”. A utilização do espaço e o significado que cada categoria lhe atribui podem ser interpretados através da abordagem utilizada pela antropologia urbana, perspectiva analítica que se fundamenta na dinâmica das práticas vivenciadas e construídas por diversos segmentos culturais nas sociedades ocidentais. Poderíamos então compreender o dinamismo do contexto cultural aqui pesquisado, a partir das observações Ruben George Oliven (1996): “Estudar situações que ocorrem em cidades sem que tenhamos, forçosamente, de explicá-las pelo fato de

estarem ocorrendo naquele quadro especial. Estamos fazendo ciência social na cidade e não da cidade” (OLIVEN,1996; p: 13).

Numa cidade tão heterogênea como Sobral podemos perceber em um mesmo espaço a diferenciação de comportamento e interesses. A platéia do Skate Park é muito diversificada: namoradas dos esportistas, curiosos, comerciantes, garotas e garotos em busca de um “fica”. Pode-se observar que alguns jovens da platéia bebem cachaça e fumam cigarros. Outros lutam jiu-jítsu na grama e conversam bastante. Também se encontram observadores nos bancos posicionados em uma lateral da pista e na parte superior à rampa. Muitos observadores chegam de bicicletas.

Os praticantes do skate, patins e BMX são em sua maioria do sexo masculino. No grupo de observadores também se aglomeram garotas. Estas se vestem de maneira diferente do estilo skatista e comentam as manobras dos rapazes, que podem ser seus paqueras. Os rapazes se exibem para elas (alguns sem blusa e suados), dando gritos e se arriscando bastante com manobras diferentes dos novatos, que são bastante cautelosos. A maioria das garotas só observa; passam batom e comentam em grupo qual é o mais bonito, os encaram e eles se exibem fazendo manobras e olhando para elas. As garotas vibram ao se sentirem observadas. Em uma das ocasiões uma menina comentou “lá vai o meninozinho que eu quero”. Conversei com quatro meninas e três delas vinham da Cohab II. Perguntei qual era o tipo de lazer que praticavam e elas explicaram que suas opções estavam entre ir à praça local e à igreja; iam as vezes para o Boulevard e também para a pista, afirmando que a pista era o lugar mais animado. A platéia vibra com as manobras arriscadas e ri com as quedas.

Daniele<sup>20</sup> (15 anos) é a única das amigas que mora próximo à pista. Suas amigas têm sua casa como ponto de encontro. Sempre frequenta a pista e já ficou com um garoto *crossista*. Segundo a mesma, para ficar, eles se dirigem até o fim do Parque da Cidade, próximo à pista de BMX, lugar menos movimentado e mais escuro. Mas garante que se a menina for bonita ficam na frente de todo o mundo. Afirma que existem os mais cobiçados, os mais bonitos ou que melhor andam de skate. Alguns são “boçais”, têm preconceito com morenas (negras) e não ficam com estas. Relata o caso da sua amiga negra que quis ficar com um garoto e pediu para ela ir falar com ele. O menino viu quem era e não aceitou por causa da sua cor.

---

<sup>20</sup> Nome modificado pela autora.

Existe uma preocupação por parte das garotas na escolha do “fica”, pois receiam de que os meninos façam uso de algum tipo de droga e desaprovam as vestimentas de alguns praticantes: “tem uns que são maneiros outros são muito malamanhados” (Juliana, 16 anos). Não se percebe entre as meninas uma disposição para a prática no esporte. Algumas têm curiosidade, mas não têm coragem.

No grupo específico dos skatistas a convivência diária possibilita que se estreitem relações de amizade e cooperação, além da descontração típica de jovens da cidade. Estes inventam e constroem novas nomações aos colegas do esporte. Cito alguns exemplos: “Lagoinha” é o garoto que se veste com a roupa do supermercado Lagoa durante os campeonatos; “Igor Bala” gíria utilizada em Sobral, sinônimo de avarento; “Junior Lojão” filho do dono do Lojão São Francisco; “Gugu” porque se parece com o apresentador de TV Gugu Liberato.

### 3.3 Pelo estilo skatista

Um ponto chave na identificação dos esportistas está nas vestimentas. Os skatistas se vestem com um estilo que se torna “obrigatório” para quem quer fazer parte do grupo: calça com o fundo na altura dos joelhos; camisetas com nomes e/ou fotos de bandas de rock ou de rap; cintos coloridos; tênis robustos, principalmente entre os skatistas, pois eles são feitos para dar maior aderência ao *shape* (prancha de madeira onde o skatista apóia os pés). Usam com frequência bonés ou toucas, cabelos curtos em sua maioria raspados, calças baixas que normalmente mostram a cueca estilo samba-canção.

Entre os skatistas há dois estilos: a linha *skate punk* que é principalmente constituída de jovens que gostam de rock. Usam tênis menos robustos, camisa mais curta com cores mais fortes, calças mais coladas ao corpo e cintos de metal; e a linha *hip hop*, são jovens que usam touca ou boné-lenço, calça muito frouxa e tênis maiores, escutam rap. Nos dois estilos a presença de tatuagens e *piercings* são bem comuns.

O estilo skatista é fortemente disseminado através da mídia<sup>21</sup>, principalmente nas revistas especializadas do esporte que oferecem grande variedade de marcas com inúmeras páginas de propaganda, assim como é bastante divulgado por patrocinadores no meio esportista. Para se ter uma idéia, o Brasil tem a segunda maior indústria mundial do

---

<sup>21</sup> A influência da televisão é muito forte para disseminar a prática do esporte, uma novela da Rede Globo chamada *Malhação*, incorpora todo este estilo skatista. Na abertura da novela podemos ver vários apetrechos usados pelos skatistas, além da música que também é muito característica do meio.

skate, sendo um dos poucos países que produzem peças, vestuário e calçados para esta modalidade. Este mercado (atacado e varejo) fatura algo em torno de 250 milhões de reais por ano (Fonte: CBSK). Percebe-se que estes altos investimentos acabam influenciando a construção de uma identidade que se constitui através de imagens que são fruto da sociedade consumista em que vivemos. O estereótipo *rapper* ou *punk* foi disseminado através da mídia e hoje se configura como espécie de código de conduta exercido entre os jovens, principalmente da periferia:

*Mas como toda estética comporta uma ética, a escolha do modelo da periferia faz alguma diferença. É como se fosse possível encontrar alternativas para a falta de sentido da vida pautada pelo consumo identificando-se com aquelas que não têm recursos para consumir.* (KEHL, 2004; p: 102)

Inúmeras características e estilos pertencem ao grupo dos “radicais”. No momento em que se legitimam os esportes radicais pelo poder público, este, se torna visível através das políticas públicas direcionadas para os jovens na cidade. O público então acredita em uma “gestão participativa”, já que de certa forma eles foram “vistos” e seus desejos foram contemplados. Neste sentido, se apropriam destes espaços, resignificando-os e atribuindo novas formas de relacionamento com os seus usos.

Na prática, o Skate Park continua sendo um espaço “semi-invisível”. Ele não passa por manutenção regular e falta uma série de medidas para tornar este espaço seguro. Os praticantes do skate, do BMX e dos patins contribuem para torná-lo menos seguro ainda, já que as medidas de segurança tomadas pelos praticantes são poucas. A não utilização de equipamentos de segurança se dá principalmente entre os skatistas; alegam que atrapalham na prática e no resultado. Entre os patinadores, alguns usam joelheiras e entre os *crossistas* os aparatos de segurança mais usados são: capacete, luvas, cotoveleiras e joelheiras; existe toda uma preparação que antecede a prática neste tipo de caso.

### **3.4 A saúde dos praticantes.**

Outro fator que chamou atenção é a saúde dos praticantes. Nicholas, um iniciante, deslocou o ombro em uma queda e ficou impedido de andar, correndo sérios riscos. Outro rapaz, o Gugu, vive mancando e sente muita dor quando cai; ele ainda não procurou um médico. Perguntei a outros praticantes e todos me disseram que tiveram acidentes graves

e não procuraram tratamento. Existe um medo muito grande que isso os impossibilite de praticar o esporte. Outro praticante, chamado Érico, quebrou a clavícula três vezes. Foi ao médico somente na primeira vez e este o recomendou que não se arriscasse mais, porém continuou até deslocar por mais duas vezes. Toda vez que cai no chão sofre com dores muito fortes, hoje não pratica mais. Existe uma diferenciação no cuidado com os corpos. Seus corpos estão arranhados e com hematomas. Entre os novatos existe uma relativa preocupação com a saúde, já que são esportes que exigem muito do praticante, não havendo o uso de drogas e fumo. Em certa ocasião, dois patinadores entraram em colisão e gritaram de dor. A princípio ninguém os ajudou. Cheguei a presenciar uma cena em que outro praticante skatista se machucou e não contou com o auxílio dos demais. O aprendizado não se dá sem dor, já que os tombos são inevitáveis.

Buscando enumerar e quantificar os dados pesquisados, realizei cinquenta questionários entre os desportistas do Skate Park. Estes contaram com a sistematização dos dados e a tabulação dos questionários (Ver os anexos H, I e J). As informações obtidas pelos questionários são riquíssimas em nível de informações que poderão ser mais aprofundadas no decorrer da pesquisa. Entre os aspectos contemplados estão: nome, apelido, idade, nível de escolaridade, bairro de moradia, modalidade esportiva, informações a cerca da sua saúde – em relação a preparação para prática esportiva, como o uso de água, a realização de alongamentos e finalmente ouvia sugestões para o espaço e para a melhora da prática esportiva na cidade. A média de idade é de 18,6 anos. As partes mais acidentadas são a cabeça e os membros inferiores. Entre as principais sugestões estão a cobertura do local, um bebedouro, mais obstáculos, maior segurança do espaço e apoio para campeonatos.

Ao longo do trabalho estão presentes informações e reflexões pautadas na observação e diálogo com os sujeitos da pesquisa. O trabalho em campo se caracteriza por uma mudança de atitude diante das práticas cotidianas que muitas vezes passam despercebidas. Vale ressaltar que tive a preocupação em buscar abranger ao máximo as perspectivas de pesquisa possibilitadas pelas ciências sociais, com análises quantitativas e qualitativas, já que o campo sugeria que eu pudesse enumerar problemas de saúde dos praticantes. Deparei-me com um número surpreendente de 74% (setenta e quatro por cento) de jovens que já sofreram algum tipo de acidente grave.

Minha inserção em campo possibilitou que eu me envolvesse de maneira mais efetiva entre esses jovens. Cheguei a me preocupar com os tombos muito fortes que via e chegava a admirá-los pelo fato de mancarem e logo subirem no skate. Era incrível como



podiam ser tão resistentes à dor. Muitos casos terminaram no hospital. Dois casos chamaram muito a minha atenção. Uma menina patinadora apelidada de Danone (15 anos) escorregou no travessão de metal na ponta de um caixote. Como não usava caneleira, sofreu um corte de vinte e seis pontos na canela. O corte se deu porque o travessão de metal, continuamente afiado pelo equipamento das bicicletas, não passa por manutenção regular. Logo após o ocorrido uma ambulância chegou. Sua perna ficou paralisada por três semanas e passou três meses sem praticar o esporte e mais um patins quebrado. Revelou que enquanto aguardava uma ambulância um skatista gritou: “Não sei por que não bateu a cabeça e morreu logo”. Outro caso refere-se a um menino skatista iniciante que estava sem capacete. Ao tentar realizar uma manobra, bateu a cabeça no assoalho e ficou desacordado. Chamaram uma ambulância e enquanto esperavam, trouxeram um “dim-dim” (saquinho de suco de fruta congelado) para passar na cabeça do garoto. Convivi-se dia a dia com acidentes no Skate Park e em outras pistas das quais frequentei. Isto faz parte do cotidiano de quem quiser se inserir no mundo dos esportes radicais, como um “ritual de iniciação”.

### **3.5 Uma linguagem própria.**

Outras características fazem parte dos grupos aqui pesquisados. A seguir, faço um breve comentário da linguagem cotidiana do grupo dos skatistas. A *rede de significados*, como diria Clifford Geertz (1989), se constitui em um processo de assimilação de novas categorias difundidas e compartilhadas mundialmente e inseridas em contextos específicos, como é o caso do Skate Park. Neste espaço multifacetado, determinados grupos resignificam e criam uma nova forma de comunicação. Para uma melhor compreensão de sua linguagem, apresento algumas de suas principais categorias nativas (que não são tão nativas, pois fazem parte de um contexto comum a cultura skatista em diferentes espaços).

As práticas skatistas se renovam a todo o momento. Novas manobras surgem em um mundo de inúmeras que já são conhecidas pelos esportistas. Deve-se perceber qual é o lado em que o skatista tem mais força. Este lado não se define estritamente por ser destro ou canhoto, mas pela perna em que tem mais agilidade para *remar*, ou seja, fazer o movimento de impulso com a perna, possibilitando a força motora do skate. Vale ressaltar que a perna que rema é a base do praticante. Neste exemplo considero que a base do skatista seja a perna direita. A base *normal* é a perna esquerda na frente, em cima

do skate, e a perna direita remando. O *switch stance* (s/s) seria o inverso em que a direita fica na frente e a esquerda remando.

As outras duas bases precisam de esclarecimentos anteriores. No skate existem duas abas nas extremidades: o *nose* que é a parte da frente, e o *tail* que é a parte traseira. O *ollie* é uma espécie de pulo que o skate dá. O *flip* é o giro do skate. As outras bases são o *fake*, que consiste em bater um *ollie* no *nose*, ou seja, dar um pulo com o impulso na parte da frente do skate. E a última base é o *nollie*, que seria o inverso, um *ollie* no *tail*. O remo pode ser de *switch stance* (S/S), *frontside*. É quando a manobra é executada de frente para o obstáculo (F/S). O *backside* é uma manobra executada de costas para o obstáculo (B/S). A *transição* é a passagem de uma manobra para outra. O Skate Park é o espaço onde esses jovens compartilham destas “categorias nativas”.

### **3.6 Por que ser radical?**

O incentivo que foi dado com a construção da pista destacou alguns skatistas sobralenses no cenário nacional. Um expoente dessa geração é Igor Bala, campeão Norte e Nordeste, patrocinado pela prefeitura de Sobral. O campeonato nacional na cidade de Sobral ocorre desde o ano de 2004 e como foi dito anteriormente, a prefeitura na construção da pista conseguiu o direito de sediar o campeonato por cinco anos consecutivos, prorrogados por mais cinco. No ano de 2004, o campeonato (segunda etapa em Sobral) foi um marco na história do skate nacional, pois pela primeira vez duas etapas do Campeonato Nacional foram realizadas no Nordeste. A outra aconteceu em Lauro de Freitas na Bahia. Tais eventos possibilitaram o acesso dos nordestinos ao campeonato e a difusão do skate na região, provocando um grande fluxo de espectadores muito animados. No entanto, devido à falta de patrocínios, o evento contou com poucos recursos. Durante a realização do evento choveu muito. Muitos participantes criticaram a falta de uma proteção sobre a quadra. Os organizadores tiveram que paralisar o campeonato por duas vezes, até a chuva parar. Apesar das dificuldades o campeonato encerrou em clima de alegria com o show da banda Charlie Brown Jr. O camarote vip utilizados pelos skatistas era um caminhão, cuja carroceria ficava de frente para o palco. O Campeonato Nacional de 2005 apresentou maiores polêmicas. É norma da CBSK que a pista deve ter trajeto diferente em cada campeonato. No entanto, em Sobral a pista foi a mesma do ano anterior e isto causou reclamação por parte dos participantes e dos patrocinadores. Outro fator que pesou foram os custos para trazer esportistas

profissionais para o Nordeste. Isto se torna muito dispendioso em função do circuito acontecer principalmente no eixo Sul e Sudeste, locais de onde vêm esses campeões.

Em 2006, a primeira etapa do Campeonato Nacional ocorreu em Sobral, deixando os patrocinadores ainda mais descontentes. A Quix, uma das marcas mais vendidas e mais conhecidas entre os skatistas, retirou seu patrocínio dos campeonatos do Nordeste, alegando que os campeonatos no Nordeste não eram de “importância” para a empresa, uma vez que a região representava somente 1% das vendas gerais. Essa posição criou um clima de revolta entre os skatistas, sobretudo, os nordestinos, os quais reagiram difundindo na internet seu repúdio. O campeonato foi esvaziado de “estrelas” do esporte, principalmente as patrocinadas pela Quix e por outras marcas destacadas, mesmo com o incentivo dado pela prefeitura para os melhores colocados no ano de 2005. Os skatistas nordestinos protestaram contra essa medida fazendo um boneco da Quix e tentaram fazer uma fogueira com os tênis da marca, no entanto foram impedidos pela CBSK. Além dos problemas citados anteriormente, o fato da cidade de Sobral não oferecer atrativos e o baixo valor das premiações (15 mil reais para os profissionais) são fatores que pesam muito na vinda de competidores para a cidade. A construção da nova pista no bairro Sinhá Sabóia possibilitará que algumas das reivindicações sejam atendidas, mas sabe-se que os problemas persistirão, o que não deixa de dar visibilidade a cidade, atraindo cada vez mais jovens para o skate.

Em entrevista, no início de 2006, com um garoto que parecia ser iniciante, busquei saber em que medida a construção da pista tinha influenciado na sua prática. Vicente de 12 anos é praticante há um ano e meio, começou a se interessar pelo esporte quando sua mãe fazia compras no Supermercado Lagoa. Ficava observando os outros garotos fazerem as manobras. É tímido e cauteloso. Confessou-me sentir medo e pretende superá-lo. Recebeu o apoio da mãe.

Sérgio de 18 anos, morador do bairro da Expectativa, é praticante há três anos e meio. Informou-me que antes da pista a “moçada” se reunia na quadra do abrigo, local para o qual levavam obstáculos. Começou a andar influenciado pelos amigos mais velhos. A nova pista se configura como um ponto de encontro para a “família”, onde, segundo ele, todos se ajudam, sendo assim, “uma segunda casa”. As maiores afinidades se dão entre os “melhores” (experientes) e por outro lado os “piores” (novatos). Sérgio ganhou na categoria amador II, no campeonato nacional de 2006. Foi entrevistado pela TV Verdes Mares e comentou ter o sonho de ser profissional. Enfatizou que é muito caro ser skatista e, por isso, trabalha em uma oficina de bicicletas. Faz o 1º ano. Afirmou,

veementemente, que não fazia uso de drogas. Quando perguntei sobre o relacionamento com as outras modalidades, ele disse que é “como se não fossem do mesmo sangue”. Os espaços entre os praticantes de esportes radicais são bem delimitados e respeitados. Segundo ele, houve uma reunião para definir o uso e o espaço da pista, pois assim evitariam conflitos no que concerne ao choque entre praticantes de outras modalidades. Sérgio afirmou que pratica todos os dias o esporte e que sua mãe a princípio não aceitava porque acreditava que era um esporte muito perigoso e de “marginais”. Hoje o apóia devido a grande quantidade de troféus que o filho ganhou.

Os esportistas afirmam sempre que o skate é um esporte muito caro. Fato que impossibilita a compra de equipamentos de proteção. Muitos trabalham para conseguirem sustentar os custos que o esporte ocasiona. No skate, os principais equipamentos são: o *shape* que é a tábua de madeira prensada que fica sobre as rodas e serve de apoio para os pés e base para todas as manobras (custa em média de R\$ 35 a R\$65); o *truck* é um o eixo de alumínio que se liga à madeira e prende as rodas. Seu movimento possibilita o skatista se direcionar (custa de R\$80 a R\$105); são quatro rodas de poliuretano (custam em média R\$40); são seis parafusos centrais e oito rolamentos (em média custam R\$15); a lixa que se fixa ao *shape* para causar maior aderência entre o skate e os tênis do skatista. Os tênis também são acessórios importantes para um melhor desempenho. Os tênis variam muito de marca e preço: o tênis do skatista ativo dura em média três meses (o custo de um tênis neste estilo é a partir de R\$100). Nas lojas especializadas, o skate completo tem preço a partir de R\$160.

No BMX as bicicletas são especializadas e menores que as convencionais. O acessório fundamental é a *tróia*, uma chapa de ferro em formato de bastão que fica preso ao rolamento das rodas; possibilita a fixação da bicicleta nos obstáculos.

Os patins de modelo *in line* são formados por rodas enfileirados em linha reta diferente dos mais antigos que eram quatro rodas posicionadas paralelamente.

Há uma certa rivalidade entre as três modalidades de esportes radicais. De um lado os skatistas reivindicam a pista só para eles, pois afirmam que os “crossistas” estragam a pista arranhando as extremidades, fazendo o metal das pontas descolar: “o BMX é dos plays”, afirmam. Os patinadores são da modalidade *in line*, novatos no esporte. Esta modalidade surgiu na cidade após a construção do Skate Park. São os únicos que percorrem toda a pista. Nesta modalidade existe um maior número de mulheres. No skate a participação de mulheres é pequena. Mesmo assim Sobral tem uma campeã nacional chamada Pepeta. No BMX não existem mulheres praticando.

O lazer é algo que aparece com evidência no discurso dos desportistas e dos outros freqüentadores do parque. Verifica-se este discurso nos slogans da prefeitura com a inauguração do parque: “lazer, segurança e cultura”.

Os estudos sobre o lazer no campo das Ciências Sociais são relativamente recentes. Havia até década de 80 uma preferência por estudos relacionados ao trabalho, ao Estado, aos movimentos sociais, etc. A citação a seguir define o conceito de lazer aqui trabalhado:

*Há muitas formas de definir o lazer, mas a maior parte destas definições inclui – separada ou integralmente – as dimensões de tempo e atividade. O lazer é tempo livre de trabalho e de outras obrigações, e também engloba atividades que se caracterizam por um sentimento de (relativa) liberdade. Como sucede com outros aspectos da vida e da estrutura social, o lazer é uma experiência do indivíduo, um atributo de grupo ou de outra atividade social, e possui organizações e instituições relevantes que procuram atender às necessidades de lazer, reconciliar interesses conflitantes e implementar as políticas sociais. (PARKER, 1978; p: 10)*

A importância desses fenômenos sociais somente pode ser compreendida à luz de teorias que se relacionem com os mais variados sentidos da prática sociológica. Concebendo o lazer numa perspectiva interdisciplinar e contemplando vários aspectos da vida cotidiana, é possível tecer um mapa de atividades interligadas. Se para a maioria das pessoas um momento de lazer se caracteriza por ver televisão, ler um livro ou passear no parque, evitando assim gastar o máximo de energias para encarar a vida e o trabalho. O lazer que os skatistas buscam com o *descontrole controlado das emoções* (ELIAS; DUNNING, 1992) que o esporte propicia, acaba sendo uma válvula de escape para as “fortes emoções”. O impulso violento é caracterizado e transfigurado pelos esportes radicais que radicalizam a energia e a transformam em fortes impulsos e resistência às dores físicas, como tombos e seqüelas nos corpos juvenis. Para Norbert Elias, o esporte “é um dos fenômenos essenciais da nossa civilização (...) o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma actividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente” (ELIAS; DUNNING, 1992; p: 17).

Poderíamos afirmar, com esta abordagem, que os esportes dispõem de uma *violência relativa*, assemelhando-se ao que vem sendo descrito neste trabalho. A *cultura radical* aqui proposta se define pela intensa atividade do corpo.

*Em última instância, é o corpo inserido de sociabilidade e significação coletiva que experimenta fortes emoções, corre riscos, se excita e é desafiado a vencer muitos obstáculos, principalmente o maior deles: de manter-se vivo. (...) O discurso dominante entre os praticantes dos esportes radicais versa sobre a excitação que experimentam em saber que estão desafiando a morte, o que em termos dialéticos pode representar uma confirmação radical de uma outra vida, distinta daquela propugnada por indivíduos que fogem da dor, ignoram a tragédia, cultuam os analgésicos e perseguem cosmeticamente a eterna juventude. A possibilidade da morte para os jovens atua na fortificação da experiência no presente. (CARRANO, 2002; p: 120)*

O jovem neste sentido não é limitado pela faixa etária. Ele se identifica com uma série de características que o definem como jovem: o tipo de vestimentas, a maneira de agir e falar, o tempo disponível para a prática do esporte, enfim o próprio subjetivismo que o faz sentir como tal. Essa construção social da juventude é alargada no tempo e caracteriza uma estética ideal, se configurando como uma categoria que está sujeita a constantes mutações no tempo e no espaço (BOURDIEU, 1983). O recorte deste objeto abrange uma perspectiva do jovem no seu momento de lazer, ou seja, da prática esportiva.

Ronaldo Helal (1990) define o esporte como sendo “qualquer competição que inclua uma medida importante de habilidade física e que esteja subordinada a uma organização mais ampla que escape ao controle daqueles que participam ativamente da ação” (HELAL, 1990; p: 28). Na abordagem da Sociologia do Esporte pode-se classificar os esportes aqui encontrados como esportes individuais e coletivos, tendo em vista a grande proximidade que eles têm no espaço e na prática. O depoimento de um skatista, logo a seguir, esclarece bem esta afirmação. “O skate é um esporte individual e coletivo ao mesmo tempo. Não tem graça fazer uma manobra de skate e ninguém ver, sem os gritos de incentivo, ninguém acreditaria que fiz a manobra” (Mikael, 23 anos). Nesta abordagem, podemos definir estes esportes como obedientes a regras, mas que também possibilitam ter um caráter lúdico, com a formação de novas manobras.

Para Bourdieu (1998) o esporte e o lazer são temas recentes nas ciências sociais e entraram por “contrabando”, sendo atraídos pelas “flutuações da consciência social do momento”, não excluindo sua importância no nosso meio social.

### **3.7 Outros espaços para as práticas radicais.**

Entre os novos espaços de lazer e da prática dos esportes radicais na cidade verifica-se a segunda pista pública da cidade no bairro Sinhá Sabóia. Foi inaugurada no dia 22 de dezembro de 2006. Na ocasião estavam reunidos moradores do bairro, desportistas e autoridades da política sobralense. A nova pista tem ao lado um campo de futebol de areia. Estes dois equipamentos receberam o nome de Complexo de Esporte e Lazer José Aguiar Frota e custaram aos cofres públicos R\$240.000<sup>22</sup>.

O nome do lugar é uma homenagem a um radialista esportivo da cidade já falecido. Dentre as autoridades presentes estavam o Secretário de Esporte e Juventude, Aloísio Nunes de Arruda e o Prefeito de Sobral Leônidas Cristino. Em discurso afirmaram que a implementação de novos espaços de lazer faz parte de uma proposta política que visa o desenvolvimento local, enfatizando por isso, a necessidade de zelo e cuidado por parte da comunidade. Afirmaram ainda, que o esporte deve ser concebido como uma oportunidade para tirar o jovem da marginalidade. Em momento de sua fala o Prefeito anunciou a construção da Vila Olímpica, a qual custará mais de seis milhões de reais.

A inauguração também contou com a participação da polícia militar e da guarda municipal, e ainda com a presença de uma ambulância no local. Houve um “mini-campeonato”, no qual somente os skatistas tiveram oportunidade de competir. Isto causou grande indignação dos esportistas das outras modalidades. O evento foi aberto por uma banda, do próprio bairro, e estiveram presentes muitos curiosos de várias faixas etárias. Para eles o esporte constitui uma novidade. Divertiam-se e riram muito das quedas e das manobras realizadas com êxito. Assim que começaram os discursos, a pista foi “evacuada” pela guarda municipal. A pista do Sinhá Sabóia, segundo os desportistas, é bem melhor que a do Parque da Cidade, por ser maior, ter mais obstáculos e possuir arquibancadas.

Outro espaço disputado principalmente pelos skatistas é o Boulevard do Arco; esta é uma das praças mais importantes da cidade. Aqui são realizados eventos de diversas naturezas e passeio, preferido pela sociedade sobralense. Seu grande comprimento e piso liso possibilitam que os skates escorreguem a altas velocidades, motivo pelo qual são repreendidos e proibidos de andar nestes locais de grande movimento. Porém sempre existem garotos que gostam de se arriscar e dar uma volta na praça, à custa de muitos olhares em busca da guarda municipal. Dizem que não podem deixar de andar na cidade, por ser a modalidade *street skate*, termo inglês que significa skate de rua, esta modalidade

---

<sup>22</sup> Valor revelado pelo prefeito Leônidas Cristino em seu discurso no ato de inauguração da pista.

exige que se ande em obstáculos na cena urbana, como corrimãos e calçadas altas. O Skate Park reproduz estes obstáculos. Em conversa com um grupo de oito garotos no Boulevard, pude perceber que se arriscar faz parte da própria prática dos esportes radicais e dizem que “a insegurança e 90% da queda” (Thiago, 20 anos). Além destes que são constantemente reprimidos estão também o grupo de “aprendizes” que são crianças que fazem deste espaço um local de aprendizado. As primeiras pedaladas, os primeiros passos em cima do skate ou dos patins, sempre são acompanhadas dos pais ou de uma pessoa mais velha. Em muitos casos há o uso de equipamentos de proteção.

Os espaços então se tornam o foco essencial para pensar como as práticas desses grupos são construídas sucessivamente, constituindo uma rede de relações sociais. Como diria Magnani (1998; p: 123); “não são os indivíduos é o próprio pedaço que se locomove”. O espaço serve como um meio de identificação com o resto do grupo, sendo freqüentado e pertencendo ao grupo dos skatistas, *crossistas* (ciclistas) e patinadores, por ser também por eles significado. A platéia também faz parte do lugar. No Skate Park do Parque da Cidade, penso o espaço de uma maneira mais homogênea, sendo mais fácil identificar as fronteiras que levam a outros *pedaços*.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como traduzir experiências pessoais? Como exemplificar aquilo que os olhos vêem e os outros sentidos apontam? Como definir a razão? Perguntas bem amplas para o objetivo aqui proposto. Poderia discorrer horas acerca da experiência aqui vivenciada, pois escrever um trabalho monográfico a partir de leituras e olhares em construção é sempre algo complicado. Este relato poderia ser um “poema científico”, poderia ser um trabalho de conclusão de curso ou um desafio angustiante. Acredito que foi um pouco dos três, pelo menos dentro de mim.

Ao longo de toda a pesquisa vivenciei inúmeras sensações que me levaram a espaços diferentes. Pensei por um momento que poderia ser amiga dos skatistas, mas percebi que não era uma boa idéia, já que tinha que manter certo distanciamento. Pensei em morar próximo ao Parque da Cidade, mas achei os aluguéis caros naquela área e distante das minhas outras atividades. Percebi que era importante praticar algum esporte e sentir a motivação que levava aquelas pessoas a correrem sem parar, a ficarem jogando bola ou andando sobre uma prancha de madeira com rodas. Precisava de alguma forma perceber a dinâmica e a satisfação do lazer pelo esporte. Comecei a andar pelo Parque da Cidade, andando como eles, no ritmo deles. Pensei tanto naqueles dias, pensei que este trabalho poderia dar certo, que apesar do meu tempo escasso, poderia suar um pouco a camisa.

Meu corpo se inseria em uma nova realidade, minha expressão corporal se confundia com os olhares dos outros. Os corpos se inseriam neste universo de contornos e desnaturalizavam os gestos e sensações (LE BRETON, 2006). Gostaria de ter explanado melhor sobre isso ao longo desta pesquisa, mas o tempo para mim foi cruel e os corpos iam se desfazendo todos os dias. Não poderia falar mais do que já tinha me proposto e uma nova vida me espera depois deste trabalho.

Tive tantos medos, que se abrandaram com o tempo. Tive medo de sair do tema, medo de levar uma queda, medo de ser assaltada, medo de não dar tempo. Não sei se devo falar disto agora que o trabalho já foi entregue, mas creio que estou sendo sincera comigo e estou gostando de escrever as minhas reflexões. Talvez esteja explicitando melhor do que antes a minha metodologia.

Estive rodeada por árvores ainda em crescimento, luzes semi-apagadas e receio de ser abordada por algum bandido em busca da minha máquina fotográfica. Às vezes me senti um pouco desconfortável em relação às minhas abordagens aos transeuntes, mas logo este desconforto desaparecia e percebi a vida que envolvia o lugar. Gostei de ir ao Parque da Cidade nas noites dos finais de semana, pois foram nestes momentos que percebi o fluxo de pessoas se divertindo e aproveitando o momento para estar com a família e amigos. Também havia um grande movimento no começo das manhãs e nos finais da tarde da semana, nestes horários as relações se tornavam mais individualistas, pessoas andavam apressadas de um lado para outro, entretidas com a música que entrava através dos seus ouvidos pelos walkmans e mp3. As abordagens ficaram mais difíceis, pois precisava acenar com as mãos e ficar parada na frente das pessoas, me sentia um pouco boba ao fazer isso.

Lembro de uma noite que estive no Skate Park aplicando os questionários e percebi que os garotos quase não ficavam no chão, ficavam no topo das rampas esperando sua vez para deslizar no cimento. Tinha que chegar até eles através de uma aproximação mais direta e foi quando me convidaram a ficar em cima da rampa conversando com eles e sentindo um pouco mais a sensação que envolvia o lugar. Foi quando me vi nos bastidores de um *áspero balé e intercambiando significados* com meus interlocutores (LEITE, 2004). Ali percebi que a minha presença não incomodava, apesar de ter tido dificuldades para subir na rampa, neste momento também fui ajudada por eles e me atrapalhei em relação à escolha do melhor lugar para ficar.

As escolhas que tomamos sempre são a rejeição de outras. Este processo é atribulado pelas nossas vivências que definem um posicionamento do pesquisador. Precisei tomar coragem para falar sobre o lazer e das reflexões que se seguiram desta análise. A história do lazer me levou a pensar na sociedade capitalista e na mercantilização do sujeito e das suas ações no espaço coletivo. Logo, toda uma estrutura estava montada, o lazer se definia como um momento de “relativa liberdade”, mas que liberdade é essa? Qual é a liberdade possível dentro de uma estrutura que privilegia tão poucos?

*A sociedade (do tempo livre) do ócio criativo baseada na propriedade privada e na divisão hierárquica do trabalho é não apenas uma impossibilidade histórica, mas um grande blefe ideológico.* (ALVES, 2006; p: 30)

E baseada nesta crítica, percebi que o trabalho que está sendo aqui finalizado, estava sendo coerente quando tratava de lazer e consumo numa perspectiva conjunta. O lazer se configura como produto da nossa sociedade. Claro que podemos falar aqui do lazer “gratuito”. Andar no parque, jogar bola ou andar de skate não são atividades cobradas. Mas se penso numa perspectiva mais ampla, percebo que a própria construção do parque é uma atividade que gera renda, principalmente ao poder público, pois, como vimos anteriormente, o preço das licenças para construir aumentaram muito. Mas é só isso que o poder público consegue com a construção de novas estruturas de lazer na cidade? Com certeza as motivações são muitas. O atual Governador do Estado e ex-prefeito da cidade de Sobral utilizou como recurso de campanha, programas e slogans das transformações que realizou na cidade de Sobral. Sendo este marketing urbano um mecanismo institucional de promoção e venda da cidade, na tentativa de se alcançar uma posição relativa de liderança perante outros territórios num mercado extremamente competitivo, onde outras cidades também estão à venda. Constantemente Sobral aparece como uma cidade moderna e “vendável”, fato que freqüentemente é exaltado nas falas dos gestores públicos, como exemplifico a seguir na fala da atual Secretária de Cultura e Turismo de Sobral:

*Sobral é uma cidade cosmopolita por formação e por vocação. Porque compreendemos que o nordeste é o mundo. E o mundo é aqui. Sobral é uma cidade jovem. Daí seus campeonatos nacionais e regionais de skate, de bicicross, de hip hop, de esportes radicais. Nossa banda de música tem 73 anos. Temos corais, orquestras, grupos de MPB. São 22 bandas de rock na cidade. E incontáveis são os grupos de hip hop, de reisado, de músicos que estão na busca de uma profissionalização. Sobral é a terra do grande ALBERTO NEPOMUCENO, músico que levou a musica brasileira, erudita, para os quatro cantos do mundo (seu piano está no Museu Dom José aqui pertinho da praça São João...). Nossa escola de música tem 10 anos. É ligada a PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL através da ECOA \_ ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, CULTURA, OFICIOS E ARTES – e possui 650 alunos!(sic) Nossas escolas públicas tem em seu currículo o ensino obrigatório de 4 habilidades artísticas (música, teatro, dança e artes plásticas)(sic). E mesmo com esse “ar vanguarda”, o sobralense convive harmonicamente com o erudito e o contemporâneo, fortalecidos pelo espírito de preservação de memória quando teve seus sítios tombados pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional. Nossos alunos das escolas públicas estudam 2 línguas estrangeiras (inglês e espanhol) e tem acesso gratuito a teatro e cinema, além de hoje ter peculiaridades de cidade universitária. Temos 5, entre faculdades e universidades, além do Cefet.*

*Sobral é a Princesa do Norte, e sua cultura tem os rastros de três importantes ciclos da economia brasileira: o ciclo do gado, o ciclo do algodão e o ciclo do comércio. E essa marca está inscrita na sua arquitetura, na sua gastronomia, na sua gente, que é de luta! Por todas essas razões está sempre em evidência!!!! (REINALDO, 2007; Multishow)<sup>23</sup>*

Neste trecho é possível identificar que o modelo modernista está principalmente montado naquilo que chamamos de diversidade (cosmopolita). Esta característica torna possível a recriação de imagens culturais que são frequentemente vendidas no mercado, ao mesmo tempo em que possibilita os arranjos espaciais para readequação às necessidades locais que foram recém inseridas por esse processo.

O enobrecimento é um fator importante nesse processo de mercantilização dos espaços. Uma designação especial à cidade de Sobral está na alcunha “Princesinha do Norte”<sup>24</sup>. Este termo diz muita coisa a respeito das políticas públicas na cidade e da forma como os moradores a vêem.

*Por isso não são os ares de uma cidade enobrecida que libertam, mas as formas cotidianas de apropriação políticas dos lugares, que publicizam e politizam as diferenças, atribuindo sentidos e qualificam os espaços da cidade como espaços públicos. (LEITE, 2004; p: 318)*

E são nessas significações e nos sentidos atribuídos aos lugares que formatamos este trabalho, com o objetivo de proporcionar uma compreensão dos espaços públicos

---

<sup>23</sup> Rejane Reinaldo é Secretária de Cultura e Turismo de Sobral, este trecho foi retirado da entrevista concedida ao canal de TV Multishow, no programa Tramavirtual em decorrência do Pôr do Som, que é um projeto que tem como objetivo, levar para a população da cidade shows com cantores ou grupos musicais com acesso gratuito. Esta matéria foi enviada por mala-direta em formato de e-mail. Os erros gramaticais foram preservados.

<sup>24</sup> O fato de Sobral ser chamada de “Princesa do Norte” coincide com o fato da sua elevação de vila para cidade em 1841, tornando-se a “Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú”, homenagem feita à irmã do Imperador Dom Pedro II, a princesa Dona Januária. O nome e a mudança de vila para cidade foram feitas pelo então presidente da província, o Senador Pe. José Martiniano de Alencar em decorrência da Revolta dos Balaios e da defesa do partido liberal que aconteceu à sua tropa em Sobral. Mas a população pediu que o nome “Sobral” voltasse assim que o Pe. Martiniano não era mais presidente da província em 1842. (ROCHA, 2003). A seguir o Hino de Sobral exemplifica um pouco da sua construção como cidade e da sua importância na região Norte do Estado do Ceará.

Hino de Sobral - Nasceu Sobral entre sobreiros verdejantes/ À margem esquerda do lendário Acaraú/ Velha Caiçara, com suas vacas ruminantes/ Oh! Meu Sobral quão, altaneira foste tu!/ Oh! Meu Sobral. Oh! Meu Sobral./ Linda princesa cá do Norte do Ceará/ Oh! Meu Sobral. Oh! Meu Sobral./ Cidade luz aqui da terra de Tupã/ No fardalhar dos carnaubais que te rodeiam/ Ouve-se a voz do Acaraú a murmurar./ Filhos ilustres construíram tua grandeza,/ Que te oferece galhardão excepcional/ E a natureza te emprestou tanta beleza,/ Que te levou a ser Princesa, oh! Meu Sobral/ Hoje, ostentando majestoso casario,/ Alto comércio, povo ordeiro e varonil,/ E retratando teu perfil na água do Rio/ És meu Sobral uma das glórias do Brasil.

que reúnem uma série de atividades, as quais possibilitam o estreitamento dos laços de afinidade e de inserção na vida social. Os discursos do poder público que exalta a cidade de Sobral moderna e preparada para o futuro<sup>25</sup>, estão presentes em grande parte das falas e matérias que tratam de Sobral. Esta imagem também é incorporada pelos turistas e demais visitantes quando conhecem a cidade.

Mas o que quero deixar claro aqui é o fato de que este trabalho ainda é uma parcela de um todo complexo e muitas vezes não interpretável. Existe uma linha de sociabilidade possível de traçar entre pessoas “comuns”, que buscam lugares em comum. Que acabam buscando na cidade o lugar para passar suas vidas e projetar seus desejos. Deixando transparecer nos espaços públicos as novas formas de ocupação, de expressão e relacionamento com os outros.

A cidade vivida, poética da vida narrada pelo espetáculo das cores de chumbo e asfalto. Espelhada em algum tempo longínquo. A cidade da busca do prazer e do descanso. A cidade que possibilita a solidão compartilhada. A cidade do caminhar lento e apressado. A cidade do flâneur desinteressado. Por que:

*Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privação de lugar – uma experiência é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a Cidade. (DE CERTEAU, 1996; p: 183)*

A cidade aqui apresentada é uma cidade imaginada e idealizada por uma mente em contínua abstração. Ainda não defini muito bem qual será minha próxima cidade, mas sei que ela será semelhante a do sonho...

---

<sup>25</sup> Faço uma analogia, neste trecho, ao slogan da última gestão do ex-prefeito Cid Gomes: “Sobral pronta para o futuro”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Cristina; DACOSTA, Lamartine P. (Orgs.). **Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1967 – 2007**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2007.

ALVES, Giovanni. Trabalho, subjetividade e lazer: estranhamento, fetichismo e reificação no capitalismo global. In: \_\_\_\_\_ PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

AMARAL, Silvia Cristina Franco. Políticas públicas de lazer: existe possibilidade de uma gestão participativa. In: \_\_\_\_\_ PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

ANDRADE, José Vicente. **Fundamentos e Dimensões do Turismo**. Belo horizonte: Editora Ática, 8 ed, 1976.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 2003.

AVIZ, Ana Paula Mendonça de. **As relações de convivência entre os skatistas do Skate Park**. Sobral, 2005. Trabalho não publicado.

BALANDIER, Georges. **A desordem**: elogio ao movimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Velhos e jovens no Rio de Janeiro: processo de construção da realidade. In: \_\_\_\_\_ VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da história oral**. Janaina Amaro (Org). Rio de Janeiro: FGV.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Trabalho e Ação Social do Estado do Ceará. **Estatuto da criança e do adolescente**: lei federal nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Fortaleza: Cromus, 1998.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

\_\_\_\_\_. **Antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CAVALCANTE, Arnaus de Holanda. **Sociedade sobralense**: vultos em destaque. Sobral: IOM. 2004

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

COSTA, Antonio Campelo. Antonio Carlos Campelo Costa. (**depoimento, 31/07/2007**). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2007.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1996. 2ª edição.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**: entrevista a Maria Serena Palieri. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DE PELLEGRIN, Ana. Lazer, corpo e sociedade: articulações críticas e resistências políticas. In: \_\_\_\_\_PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Editora Difel, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L., **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FEATHERSTONE, Mike. O flâneur, a cidade e a vida pública virtual. In: \_\_\_\_\_ARANTES (Org.) **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

FERREIRA, Diocleide Lima. **Apropriação dos espaços**: lazer, trabalho e violência na cidade de Sobral. Sobral: FUNCAP, 2006.(Projeto de Pesquisa)

FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral: opulência e tradição**. Sobral: Edições UVA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Maneiras de agir e esculpir a vida na pedra e no asfalto**: artes e práticas urbanas. Sobral, 2005. Trabalho não publicado.

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. Sociabilidade Urbana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Koogan, 1989.

\_\_\_\_\_. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte.** São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: \_\_\_\_\_ NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça.** Disponível em <http://www.culturabrasil.org/direitoapreguica.htm>. Acesso em 23 de outubro de 2007.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

LE CORBUSIER. **Planejamento urbano.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.** São Paulo: Editora Unicamp, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: Editora Hucitec, 1998. 2ª edição.

\_\_\_\_\_. **Na metrópole: textos de antropologia urbana.** São Paulo: Fapesp, 2000.

\_\_\_\_\_. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2002. v.17 n°49.

\_\_\_\_\_. **A antropologia Urbana e os desafios da metrópole.** In: \_\_\_\_\_ Revista tempo social, São Paulo: USP, abril 2003.

MASCARENHAS, Fernando. Em busca do ócio perdido: idealismo, panacéia e predição histórica à sombra do lazer. In: \_\_\_\_\_ PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer.** São Paulo: Editora Cortez, 2006.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer.** São Paulo: Editora Cortez, 2006.

PARKER, Stanley. **Sociologia do lazer.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PASSERON, Jean-Claude. **O raciocínio sociológico.** Petrópolis: Vozes, 1995

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Lazer e estilos de vida: reflexão de debate na perspectiva da “virada” da contemporaneidade. In: \_\_\_\_\_ **Lazer e estilo de vida.** Santa Cruz do sul: Editora Edunisc, 2002.



REIS, Elisa; ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; FRY, Peter (Orgs.). **Pluralismo, espaço social e pesquisa**. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

ROCHA, Herbert. **O lado esquerdo do rio**. São Paulo: Editora Hucitec, 2003

ROSSO, Silvana. Áreas de esporte e lazer públicas em grandes cidades, o caso de Salvador - Bahia: realidade e possibilidades. **Urbanidades**, Brasília, v. 3, n. 3, jun. 2006.

SILVA FORTE, Joannes Paulus. **A construção do Metrofor e suas conseqüências sobre o trabalho informal no Centro de Fortaleza**. 2004. 130 f.. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SOARES, Luiz Eduardo. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOBRAL, José. Estilos de vida, consumos e lazer num espaço rural português: alguns aspectos. In: \_\_\_\_\_ **Congresso Mundial de Lazer**. Lisboa: 1994.

SUASSUNA, Dulce. Lazer, Meio Ambiente e políticas públicas: algumas implicações conceituais. In: \_\_\_\_\_ **Política e lazer: interfaces e perspectivas**, Brasília: Thesaurus, Coleção Dossiê, 2007.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4 Ed, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

OLIVEN, Ruben George. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo/ Brasília: UNESP/Paralelo, 1998.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ZUKIN, Sharon. Paisagens do século XXI – notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: \_\_\_\_\_ ARANTES, Antonio (Org.) **O Espaço da diferença**. Campinas – São Paulo: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: \_\_\_\_\_ ARANTES, Antonio (Org.) **O Espaço da diferença**. Campinas – São Paulo: Papyrus, 2000.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O fim do mundo como concebemos**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1991.

## OUTRAS FONTES

AS CIDADES E A SOCIEDADE. In:\_\_\_\_\_ **Revista Sociologia Especial**. 2007, Ano 1 nº1.

BOLETIM MUNICIPAL DE SOBRAL – **Parque da Cidade irá recuperar riacho Pajeú**, de 16 de julho de 2003. Disponível em: [[http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2003/b\\_julho2003/16.htm](http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2003/b_julho2003/16.htm)]. Acesso em: 28 de janeiro de 2008.

BOLETIM MUNICIPAL DE SOBRAL – **Grande inauguração do Parque da Cidade**, de 11 de novembro de 2004. Disponível em: [[http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2004/b\\_novembro2004/11.htm](http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2004/b_novembro2004/11.htm)]. Acesso em: 28 de janeiro de 2008.

BOLETIM MUNICIPAL DE SOBRAL – **Parque da Cidade: uma nova área de lazer em Sobral**, de 4 de julho de 2004. Disponível em: [[http://www.sobral.ce.gov.br/jornal/2004/07ed\\_julho/capa\\_materia.htm](http://www.sobral.ce.gov.br/jornal/2004/07ed_julho/capa_materia.htm)]. Acesso em: 21 de setembro de 2007.

BOLETIM MUNICIPAL DE SOBRAL – **Tombamento de Sobral**. Disponível em: [[http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2000/b\\_julho2000/24.htm](http://www.sobral.ce.gov.br/boletim/2000/b_julho2000/24.htm)]. Acesso em: 30 de janeiro de 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE – **Dados do Esporte**. Disponível em [<http://www.cbsk.com.br/asp/dados.htm>]. Acesso em: 15 de julho de 2006.

DETEFON, Julio. O caldeirão de Sobral. In:\_\_\_\_\_ **Tribo Skate**, 2004, Ano 13.

**ESTATUTO DAS CIDADES**. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Disponível em [[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LEIS\\_2001/L10257.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10257.htm)]. Acesso em: 31 de janeiro de 2008.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL – Departamento Ceará. **Prêmio IABCE 2005**. Disponível em: [<http://www.iabce.org.br>]. Acesso em: 17 de agosto de 2007.

K-B-ÇA, Rodrigo. Dois Pólos. In:\_\_\_\_\_ **Tribo Skate**, 2006, Ano 15.

**PDDU**: plano diretor de desenvolvimento urbano de Sobral. Sobral, 1999.

PIERANTONI, Roberto. Voando Baixo. In:\_\_\_\_\_ **O Povo**, caderno de esportes. Fortaleza, 27 de maio de 2007, p.19.

PINHEIRO, Daniela. Oligarquia irritada. **Revista Piauí**, março de 2007. Disponível em [<http://www.revistapiaui.com.br/artigo.aspx?id=172&anterior=32007&unica=1&anteriores=1>]. Acesso em: 31 de janeiro de 2008.

QUINTANA, Mário. O mapa. In:\_\_\_\_\_ **Apontamentos de história sobrenatural**. Disponível em [<http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/mapa.htm>]. Acesso em 15 de janeiro de 2008.

VEJA – **A boa vida no interior**. Disponível em [[http://veja.abril.com.br/110398/p\\_070.html](http://veja.abril.com.br/110398/p_070.html)]. Acesso em: 12 de janeiro de 2008.

## **ANEXOS**

## ANEXO A - FOTOS



Figura 01 - Fonte Central da Praça João Dias.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)



Figura 02 - Fonte Central da Praça João Dias.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)



Figura 03 - Crianças brincando.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)



Figura 04 - Marco Zero no Parque da Cidade.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)



Figura 05 - Ponte do Parque da Cidade.



Figura 06 - Quiosque e vegetação.

## ANEXO B - FOTOS



Figura 07 – Playgrounds.



Figura 08 – Cooper pela manhã.



Figura 09 - Placa de proibição de trânsito de bicicletas na calçada do parque.



Figura 10 – Pista de Biccross Race.



Figura 11 – Especulação imobiliária no entorno do Parque da Cidade.



Figura 12 – Novas construções as margens do Parque da Cidade.



## ANEXO C - FOTOS



Figura 13 – Anel viário do Parque da Cidade.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)



Figura 14 – Prédio comercial e residencial.  
no entorno do parque.



Figura 15 – Comércio no entorno do parque  
“Lava Jato e Barzinho Parque da Cidade”.



Figura 16 – Comércio no entorno do parque  
Academia “Park Fitness”.



Figura 17 – Pipocueiro na Praça João Dias.



Figura 18 – Comércio informal  
no ramo da alimentação.

## ANEXO D - FOTOS



Figura 19 – Vendedor ambulante de brinquedos (Dia das Crianças).



Figura 20 – Vendedor de picolé na Praça João Dias (Dia das Crianças).



Figura 21- Crianças brincando no playground da Praça João Dias.



Figura 22 – Menina brincando com bolhas de sabão na Praça João Dias.



Figura 23 – Jovens jogando vôlei nos campos de areia.



Figura 24 – Campeonato de Bicicross.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)



## ANEXO E - FOTOS



Figura 25 – Skatista, patinador e “crossista”.



Figura 26 – Campeonato Nacional de Skate.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)

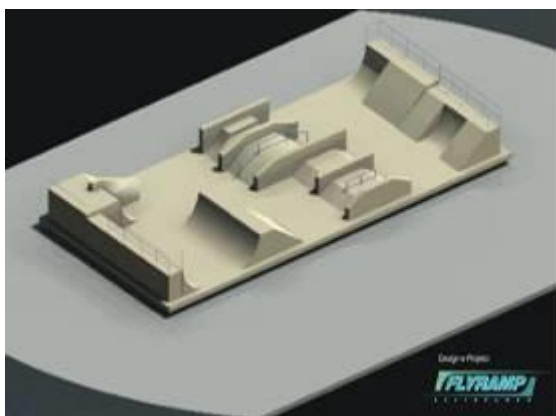


Figura 27 – Maquete digital do Skate Park.  
(Flyramp Skatepark)



Figura 28 – Maquete da Praça João Dias.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)



Figura 29 – Vista aérea da Praça João Dias.  
(Foto: Prefeitura de Sobral)





## ANEXO G – MAPA DA ÁREA ESTUDADA



## ANEXO H – QUESTIONÁRIO DO SKATE PARK

### Pesquisa da prática esportiva no Skate Park (Parque da Cidade) em Sobral Setembro de 2006.

Data: \_\_\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_ Questionário n° \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ [ ] Masculino [ ] Feminino  
Bairro: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_  
Escolaridade: \_\_\_\_\_

- Modalidade do esporte?  
[ ] Skate [ ] Patins [ ] Bicicleta
- Quantas vezes por semana vem ao Skate Park?  
[ ] 6 à 7 dias [ ] 4 à 5 dias [ ] 2 à 3 dias [ ] 0 à 1 dia [ ] Só aos finais de semana
- Quanto tempo de exercícios diários?  
[ ] até 45 minutos [ ] até 1 hora [ ] mais de 1 hora [ ] mais de 2 horas
- Qual é a principal motivação da pratica esportiva?  
[ ] lazer [ ] simpatiza com o esporte [ ] tornar-se profissional
- Há quanto tempo faz uso da prática esportiva?  
[ ] começou recentemente [ ] mais de 6 meses [ ] mais de um ano [ ] mais de dois anos
- Faz alongamento antes e depois da prática esportiva?  
[ ] sim [ ] não [ ] só antes [ ] só depois [ ] as vezes
- Usa roupas apropriadas como roupas leves e tênis?  
[ ] sim [ ] não [ ] as vezes
- Usa equipamentos de segurança?  
[ ] capacete [ ] munhequeira [ ] joelheira [ ] cotoveleira [ ] caneleira [ ] nenhum
- Pq não usa o equipamento de segurança?  
[ ] questão financeira [ ] desconfortável [ ] receio [ ]
- Faz uso regular de água?  
[ ] sim [ ] não [ ] as vezes frequência:
- Já teve algum tipo de acidente grave?  
[ ] sim [ ] não Quantos: Quais:  
[ ] sim [ ] não [ ] as vezes
- Conhece alguém que tenha deixado de praticar o esporte devido algum acidente?  
[ ] sim [ ] não
- Faz uso de outros espaços além do Skate Park?  
[ ] rua [ ] praças [ ] pista da Cohab [ ] outros Pratica outro esporte? Qual:
- Sugestão para o espaço e para os campeonatos (desenvolvimento do atleta): O que você gosta e o que não gosta?

## ANEXO I – TABULAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA QUANTITATIVA

Sexo	N	%
<b>Masculino</b>	45	<b>90</b>
Feminino	5	10
Total	50	100

Modalidade do esporte	N	%
<b>Skate</b>	24	<b>48</b>
Patins	9	18
Bicicleta	17	34
Total	50	100

Qual é a principal motivação da prática esportiva?	N	%
lazer	13	26
<b>simpatiza com o esporte</b>	27	<b>54</b>
tornar-se profissional	10	20
Total	50	100

Faz alongamento antes e depois da prática esportiva?	N	%
sim	5	10
<b>não</b>	14	<b>48</b>
só antes	15	30
só depois		
as vezes	6	12
Total	50	100

Quantas vezes por semana vêm ao Skate Park?	N	%
<b>6 à 7 dias</b>	23	<b>46</b>
4 à 5 dias	5	10
2 à 3 dias	5	10
0 à 1 dia	4	8
Só aos finais de semana	13	26
Total	50	100

Quanto tempo de exercícios diários?	N	%
até 45 minutos	2	4
até 1 hora		
mais de 1 hora	2	4
mais de 2 horas	16	36
<b>mais de 4 horas</b>	28	<b>56</b>
Total	50	100

Há quanto tempo faz uso da prática esportiva?	N	%
começou recentemente	7	14
mais de 6 meses		
mais de um ano	8	16
<b>mais de dois anos</b>	25	<b>50</b>
mais de quatro anos	10	20
Total	50	100

## ANEXO J – TABULAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

### QUANTITATIVA

Usa roupas apropriadas como roupas leves e tênis?	N	%
<b>sim</b>	44	<b>88</b>
não	5	10
as vezes	1	2
Total	50	100

Usa equipamentos de segurança?	N	%
sim	22	44
<b>não</b>	28	<b>56</b>
Total	50	100

Por que não usa o equipamento de segurança?	N	%
questão financeira	11	22
<b>desconfortável</b>	14	<b>28</b>
receio		
não precisam	3	6
Total	23	56

Já teve algum tipo de acidente grave?	N	%
<b>sim</b>	37	<b>74</b>
não	13	26
Total	50	100

Procurou algum médico?	N	%
<b>sim</b>	26	<b>52</b>
não	10	20
as vezes	1	2
Total	37	74

Conhece alguém que tenha deixado de praticar o esporte devido algum acidente?	Acidentados	Não acidentados	%
<b>sim</b>	20	7	<b>54</b>
não	17	6	46

Total	37	13	100
-------	----	----	-----